



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**SE É PROMESSA, TEM QUE FAZER: A PENITÊNCIA INFANTIL NA FESTA DO
MORRO DA CONCEIÇÃO**

PAULA NEVES CISNEIROS

Orientação: Prof^ª. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos

RECIFE- PE

2014

PAULA NEVES CISNEIROS

Se é Promessa, Tem que Fazer: Etnografia do pagamento de promessas de crianças na Festa do Morro da Conceição

Dissertação orientada pela Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Recife - PE

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecária Miriam Stela Accioly Silva CRB-4 294

C579s Cisneiros, Paula Neves.

Se é promessa, tem que fazer: etnografia do pagamento de promessas de crianças na Festa do Morro da Conceição / Paula Neves Cisneiros. – Recife: O autor, 2014.

80 f. : il., fotos ; 30 cm.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2014.

Inclui referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Crianças – Promessas – Morro da Conceição – Recife, PE. 4. Crianças – Penitência – Aspecto religioso – Morro da Conceição – Recife, PE. 5. Agência infantil – Morro da Conceição – Recife, PE. I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2014-85)

PAULA NEVES CISNEIROS

Se é Promessa, Tem que Fazer: Etnografia do pagamento de promessas de crianças na Festa do Morro da Conceição

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 10/09/2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientadora)
Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPE

Profa. Dra. Mísia Lins Reesink (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-graduação em Antropologia - UFPE

Profa. Dra. Rosa Maria de Aquino (Examinadora Titular Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

RESUMO

A pesquisa antropológica envolvendo crianças sempre esteve presente na agenda da disciplina desde seus primórdios. No entanto, a criança passou de objeto para sujeito na pesquisa através de um longo caminho inicialmente pavimentado, quando a antropologia passou a se dedicar a questões de agência x estrutura. Seguindo esta linha de compreensão da criança como produtora de falas com sentido e possuidoras de agência dentro de seus contextos específicos, conforme amplamente abordado por Cohn (2005), Pires (2011), Campos (2009), entre outros, esta dissertação percorre o caminho do pagamento de promessas de crianças durante a Festa do Morro da Conceição de 2012 e 2013, na cidade de Recife – PE. Esta pesquisa foi realizada para compreender o grau de agência da criança durante o ciclo da promessa – desde o momento em que a criança é prometida (ou faz a promessa) até o cumprimento total da mesma – e o local da promessa na sua rotina. Para tanto, foram realizadas entrevistas com as crianças e seus pais/acompanhantes durante e após a Festa do Morro, bem como a observação participante da promessa com os penitentes.

Palavras-chave: criança, promessa, penitência, agência infantil, Morro da Conceição.

ABSTRACT

The research with children in Anthropology has always been present in the subject since its foundation. However, children changed from objects to subjects of the research through a long path initially paved by the discipline, when it started to discuss the paradigm of agency X structure. Following this line of comprehension of children as producers of meaningful speeches and agents in their own specific contexts, as it was widely approached by Cohn (2005), Pires (2011), Campos (2009), among others, this dissertation goes through the path of promise fulfillment during the Festa do Morro da Conceição of 2012 and 2013, in the city of Recife-PE. This research was made to understand the level of agency of the child during the promise cycle – from the moment the child is promised (or makes the promise) to the completion of it – and the place of the promise in your routine. In order to do so, the methods used were interviews with children and their parents/responsibles during and sometimes after the Festa do Morro, as well as participant observation of the promise with the penitents.

Key-words: child, penitence, agency of children, Morro da Conceição.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de Nossa Senhora da Conceição decorada durante a Festa do Morro. (Foto: Roberta Rêgo/G1) – pág. 43

Figura 2: Caminho que o fiel percorre para chegar até à imagem da Santa no dia da Festa do Morro da Conceição. A: Descida do ônibus; B: Subida; C: Imagem da Santa. (Imagem: Google Maps) – pág. 43

Figura 3: Imagem aérea da Praça da Conceição, local central onde acontece a Festa do Morro. A: Imagem de Nossa Senhora da Conceição; B: Catedral; C: Monumento. No lado direito de C na imagem, há o local onde acontecem as missas abertas e as pregações durante a festa. (Imagem: Google Imagens) – pág. 44

Figura 4: Imagem de Nossa Senhora da Conceição no Morro da Conceição, Recife-PE. Base da imagem de pedra, onde os fieis levam as crianças/os objetos pessoais para serem consagrados aos pés da santa. Adornado com fitas, está o gradeado que separa a imagem dos pagadores de promessas durante não só a festa, mas todo o ano. (Fonte: Google Imagens) – pág. 45

Figura 5: Sequência de pagamento de promessa I: voluntário do lado de dentro do gradeado levando uma criança para concluir a promessa sob os olhos da mãe. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diario de Pernambuco) – pág. 46

Figura 6: Sequência de pagamento de promessa II: Criança sendo levada à base da Imagem por voluntário da Festa do Morro. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diario de Pernambuco) – pág. 46

Figura 7: Sequência de pagamento de promessa III: Conclusão do pagamento de promessa da criança pelo voluntário. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diario de Pernambuco) – pág. 46

Figura 8: Voluntários “do outro lado” enquanto homem amarra fita de promessa no gradeado. (Créditos: Acervo Pessoal/ Paula Neves Cisneiros) – pág. 47

Figura 9: Ciclo da penitência mediante negociação das partes. (Créditos: A autora) – pág. 51

Figura 10: Vitória saindo para a festa do Morro de 2013. (Créditos: Acervo Pessoal) – pág. 56

Figura 11: Vitória e seu pai indo para a festa do Morro de 2013. (Créditos: Acervo Pessoal) – pág. 56

Figura 12: Vitória e seus pais após o pagamento da promessa de 2013. (Créditos: Acervo pessoal/Família de Vitória) – pág. 57

Figura 13: Marcelo, com sua tia Márcia, esperando pelo voluntário que o passaria para o lado da Santa. (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros) – pág. 62

Figura 14: Marcelo buscando o olhar de aprovação da Tia durante o pagamento da promessa (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros) – pág. 63

Figura 15: Vendedor ambulante de artigos religiosos e de promessa. Este estava próximo à Santa, mas Cecília se aproximou de um vendedor como este na subida. (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros) – pág. 63

Sumário

LISTA DE FIGURAS	6
INTRODUÇÃO.....	10
1. A PESQUISA COM CRIANÇAS NA ANTROPOLOGIA	13
Sobre Abraão, Isaque e Agência Infantil	18
A criança como objeto do sacrifício	20
Considerações acerca das teorias sobre agência infantil	23
Agência infantil regulada	27
2. METODOLOGIA DA PESQUISA COM CRIANÇAS	29
<i>Pires: Um modelo de pesquisa multitécnica com crianças no Brasil</i>	30
<i>A experiência etnográfica e a representação do outro</i>	32
<i>A variedade de técnicas</i>	33
<i>A pesquisa a partir do Morro da Conceição</i>	38
3. ETNOGRAFIA DA PESQUISA NA FESTA DO MORRO DA CONCEIÇÃO.....	42
Alexandre e uma agência chamada recompensa	49
Carolina e o orgulho da penitência	52
Vitória e a gratidão	54
Arthur, a independência e o orgulho de sua mãe.....	58
Marcelo e a autorização	60
Alguns casos especiais durante a observação.....	63
<i>Sete anos</i>	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
BIBLIOGRAFIA.....	71
ANEXO 1 – Roteiro de Entrevista – Criança.....	75
ANEXO 2 – Roteiro de Entrevista – Pais/Responsáveis.....	76
ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	77

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi a jornada mais longa que já vivi na minha vida. Certa que poderia escrever outro trabalho composto apenas de agradecimentos, tento ser breve:

A Mainha, o lugar para onde sempre vou e fico. Fernando, meu irmão, pelas risadas sem fim e momentos de cumplicidade durante esse período. Meus avós e tios, a toda a minha família pelo apoio incondicional.

A Gustavo, que soube incentivar a apoiar esse trabalho como se fosse dele. Que segurou não só a minha mão, mas agarrou a minha vida com tudo o que se mostrou ser ao longo desse ano e meio.

A minha orientadora, Roberta Campos, que tantas vezes foi mais que orientadora, foi quase uma mãe, ouvindo minhas angústias e me dando tanta autoconfiança com a certeza que eu conseguiria terminar esse trabalho. Roberta sempre foi o meu modelo de antropóloga, e após essa dissertação, trabalharei ainda mais duro para conseguir partilhar sempre de seus conselhos. Muito obrigada por tudo.

As minhas primas-irmãs, em especial Marília, que sentiu tanto orgulho de mim durante a caminhada que me deu força.

Aos amigos: Cleonardo, que se pudesse, teria terminado essa dissertação por mim; Emmanuelle, que tanto me ouviu e dividiu momentos comigo nesse tempo; Fernanda, que foi minha companheira nesses percalços de fechamento de ciclo da vida. Conseguimos!

Aos professores que me acompanharam durante esse período no PPGA, em especial Prof. Renato Athias e Prof. Parry Scott.

A todos os funcionários do PPGA, em especial Carla e Ademilda.

A todas as crianças e seus pais/responsáveis que participaram dessa pesquisa. Obrigada pela abertura e pela disponibilidade em sempre me receber em suas casas, suas vidas e em confiar suas histórias a mim.

Ao CNPq, por ter financiado essa pesquisa.

E, por fim, a Godofredo; meu anjo de quatro patas!

INTRODUÇÃO

A pesquisa antropológica sobre e com crianças responde a questões sobre limites entre brincadeiras e rituais, imaginários e reais. Fazer uma pesquisa com crianças é embarcar numa viagem sem volta por um infinito de possibilidades metodológicas e teóricas. Morando na capital de Pernambuco e crescendo num meio essencialmente católico, meu primeiro interesse de pesquisa sempre foi o campo da religião. Não pensava em crianças como objetos passíveis de uma pesquisa séria que não na psicologia. Gosto de destacar isso porque a descoberta da pesquisa com crianças na antropologia, para mim, foi uma grata surpresa.

Após me familiarizar com a área durante a pesquisa para conclusão da graduação (CISNEIROS, 2009), pensei conhecer o bastante para realizar uma pesquisa mais complexa num momento mais complexo de minha formação acadêmica; o mestrado. No entanto, descobri que a pesquisa com crianças é um campo dinâmico e particular e que nada do que eu tinha experimentado como pesquisadora tinha me preparado o suficiente para as pesquisas sobre penitência infantil. No geral, o convívio com as crianças e seus pais sempre acontece de forma leve, mas a metodologia de pesquisa teve de ser repensada várias vezes devido à particularidade do tema que essa pesquisa se debruçou.

A presença secundária das crianças nas religiões não deixou dúvida que estudar a penitência infantil na Festa do Morro da Conceição era uma tarefa nova e, por que não, instigante. A fim de combater a ideia constante, presente no senso comum de que crianças são sempre passivas em seus contextos¹, essa dissertação foi construída em três capítulos e uma seção de considerações finais, na busca pela construção de uma ideia, provada por exemplos etnográficos, de uma agência infantil presente e ativa dentro de uma situação não escolhida (a penitência).

O pano de fundo dessa pesquisa começou a ser desenhado a partir de 1904, quando o dia 8 de dezembro passou a ter um novo significado para a cidade do Recife. Seu então bispo, Dom Luiz Raimundo da Silva Brito, trouxe uma

¹ Tal afirmação surgia espontaneamente em conversas informais sempre que eu sinalizava que estava desenvolvendo uma pesquisa com crianças que pagam promessas.

² A igreja como um local de “muita paz e muito amor” (PIRES, 2005, p.220), em contraste com a

imagem de Nossa Senhora da Conceição em comemoração ao cinquentenário do dogma da Imaculada Conceição no Brasil e deste momento em diante, o antigo Outeiro da Bela Vista se transformou em Morro da Conceição e, assim, passou a moldar a identidade cultural de uma cidade. Nossa Senhora da Conceição tornou-se padroeira do local. Oito de dezembro, feriado no município. Azul e branco se estenderam para além do manto Mariano, tingindo vestimentas de fieis, fitas de promessas, terços de oração.

Caminhando para sua 110ª edição, a “Festa do Morro”, como é popularmente conhecido o evento anual que se realiza no local em homenagem à Santa, é uma das grandes celebrações atuais do Catolicismo Popular, diversamente abordada como manifestação religiosa e cultural recifense. Em todas as festas, desde os primórdios, é possível observar uma grande quantidade de fieis em peregrinação à imagem da santa, no ponto mais alto do morro. Desde o uso de roupas específicas às mais variadas formas de subir o morro, o pagamento das promessas é uma demonstração de fé e/ou agradecimento por pedidos (futuramente) alcançados.

É comum ver famílias com crianças entre os penitentes, fato que seria curioso se não fosse tão comum. Crianças com cabelos enormes, vestindo azul e branco, fantasiadas de anjo, segurando algum ex-voto para deixar aos pés da santa... A pergunta que fica no ar é: O que sentem essas crianças? O que estão pensando? Qual o local da penitência na sua vida?

A fim de responder a esses questionamentos, essa dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo situa o problema de pesquisa com teorias, antes de explorar os dados, na tentativa de compreensão do fenômeno da penitência sob a luz das teorias de antropologia das emoções, agência infantil e performance. Percorrendo o caminho que a disciplina trilhou até o pensamento contemporâneo sobre a agência infantil, este capítulo discute as ideias de pensadores clássicos e contemporâneos, flexionando-os no empreendimento de construir uma teoria que abarcasse as diversas agências infantis que a penitência infantil abrange.

Pensar a penitência infantil implica compreender as estratégias de ação da criança dentro de contextos variados: quando a promessa é feita pelos pais, que

grau de agência possui a criança e; quando a promessa é feita pela própria criança, o que desafia as ideias superficiais de passividade infantil.

O segundo capítulo destrincha os métodos e as técnicas utilizadas para a realização dessa pesquisa, tendo como base o trabalho da antropóloga paraibana Flávia Pires, que reconhece a riqueza da pesquisa antropológica com crianças através da utilização de multitécnicas para apreensão da realidade. Para essa pesquisa, foi abordado um total de vinte crianças, que originaram os pensamentos mais gerais dessa dissertação, advindos de observação participante das duas Festas do Morro da Conceição (2012 e 2013). O contato mais profundo se deu com cinco crianças, onde busquei me aprofundar com entrevistas mais longas, dando prioridade ao discurso elaborado por elas. Destaco nesse capítulo que, fazer uma pesquisa com crianças não é fazer uma pesquisa exclusivamente com crianças, e sim, também abordar seus pais para uma compreensão de seus mundos e produções culturais. Tudo isso, claro, respeitando a ideia de que crianças são produtoras de cultura sim, mas de forma limitada, como coloca Cohn (2005).

No terceiro capítulo, apresento os dados etnográficos da pesquisa através da descrição geral da observação da festa, com foco nas penitências infantis e posterior detalhamento dos casos aprofundados. Cada uma das cinco crianças possuía um perfil diferente, descrito por mim e, muitas vezes, ilustrado com fotos. Acredito que devido a esse capítulo seja possível inferir que as crianças, em diferentes posições em relação às penitências, conforme detalhado no capítulo, possuem graus distintos de agência, rejeitando a posição de passividade e ignorância em relação a atividade desempenhada.

Por fim, concluo esse trabalho apresentando propostas para trabalhos futuros e identificando os pontos comuns da penitência infantil na Festa do Morro da Conceição, a dimensão da negociação e ressignificação da penitência por parte das crianças pesquisadas.

1. A PESQUISA COM CRIANÇAS NA ANTROPOLOGIA

Pesquisar crianças é um campo em recente exploração. Este sujeito gerou certa resistência por parte dos acadêmicos, existindo assim poucos trabalhos que incluíssem os pequenos. Houve algumas tentativas na Antropologia clássica de trabalhar esta temática (com Margaret Mead, George Bateson, Ruth Benedict, Malinowski, etc.), mas apenas recentemente, em meados dos anos 1960, quando a Antropologia contemporânea se dedicou a questões de estrutura/agência, práticas sociais/culturais, a infância passou a ser uma fase da vida, enfim, ouvida. Apenas a partir deste momento, o fazer antropológico se abriu à criança como agente cultural (CAMPOS, 2009).

Parece existir, segundo alguns autores, uma resistência ao testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. Mesmo a abordagem etnográfica e a história oral tendo certa aceitação metodológica no estudo das crianças, a entrevista possui ainda uma condição menor nas pesquisas com os pequenos. Por parte dos pesquisadores parece haver uma certa resistência ou dificuldade para ouvir e dar o tratamento adequado às vozes desse novo e pequeno sujeito empírico” (CAMPOS, 2009:3)

No tocante à religião, as crianças sempre estiveram em posição de mudez diante das pesquisas do tema, porque o foco residia no adulto detentor do conhecimento prévio e de uma posição privilegiada dentro da instituição. Desta forma, a criança permaneceu durante muito tempo numa área esquecida das pesquisas antropológicas, considerada incapaz de exercer qualquer tipo de agência em espaços religiosos.

Campos e Falcão (2011) nos lembram que a presença das crianças nas religiões pode ser observada em manifestações de credos diversos, tais como as aparições da Virgem Maria na Igreja Católica, onde três crianças avistaram a Virgem de Medugorje pela primeira vez em 1981 na Bósnia (STEIL & SANCHIS, 2001 in CAMPOS & FALCÃO, 2011) e os ogãs no contexto afro-brasileiro. Sobre estes últimos, pode-se destacar o trabalho de Falcão (2010), que em sua dissertação abordou a autoridade de crianças no candomblé a partir de um estudo num terreiro em Sergipe. A autora inicia o trabalho a partir da observação de uma

situação incomum, uma senhora de meia-idade pedindo a bênção a uma criança de onze anos, que com um semblante concentrado e sereno desempenha com maestria o papel que lhe foi designado (FALCÃO, 2010). Ela observa que neste terreiro a posição das crianças era de autoridade e saber: “O lugar delas [as crianças] no candomblé é em vantagem em relação a alguns filhos de santo, estes já velhos no santo. O lugar delas é um lugar que as considera detentoras de um saber e esse saber estrutura uma forma de hierarquia entre aqueles que sabem mais e aqueles que sabem menos” (FALCÃO, 2011, p.10).

Nesta lógica, elas são consideradas autoridades e suas vozes, ouvidas. Entretanto, ainda há grande carência de estudos tendo por foco as crianças em contextos religiosos, em especial o católico. Pires (2011), em seu livro “Quem tem medo de mal-assombro? Infância e Religião no Semi-árido Nordeste” aborda crianças e a construção da ideia de mal-assombro entre elas na cidade de Catingueira. O componente do catolicismo aparece como fator de destaque devido ao alto número de fieis católicos na cidade. No entanto, com a realização da pesquisa, a antropóloga observou que não eram as crianças que estavam em posição de destaque na religião, e sim, suas *perspectivas acerca de ideias* de mal-assombro que remetiam a elementos religiosos.

Nas pesquisas atuais, muito se discute a respeito da autonomia infantil e, embora as crianças caracterizem um grupo particular, estão longe de possuírem uma liberdade que lhes garanta autonomia (CAMPOS, 2009). No entanto, este grupo possui um diálogo com diversas esferas do mundo em que vivem, com as pessoas e as coisas, e “negociam suas possibilidades de ação de acordo com o que lhes é dado pelas interações e contextos sociais dos quais estão inseridas” (CAMPOS, 2009:6). Clarice Cohn (2010) destaca o papel de agência infantil em relação a suas rotinas. Para a autora, a ideia presente no senso comum de que este sujeito possui uma postura passiva diante das relações sociais e a sociedade é errada. Cohn enfatiza o fato de que as crianças são decisivas no processo de estabelecimento e manutenção de algumas relações sociais que são apresentadas a eles (p.28). A criança tem sua forma própria de ver o mundo, atribuindo-lhe significado diferentemente da forma que o adulto o faz. Desta forma, é possível trazer o argumento de Cohn que crianças são, de fato,

produtoras de cultura. Tal afirmação é reveladora, mas possui limites, como a autora mesmo aponta (p.35) – é necessário relativizar esta compreensão de autonomia porque crianças adquirem significados quando postas em contraste com o sistema simbólico adulto. A pesquisa empreendida por Pires (2011), por exemplo, contrasta a dimensão que as crianças têm de religião e como elas a representam com o que é religião para o adulto e para o adolescente. A autora ainda caracteriza certas concepções de religião como ideias *adultas*, quando as crianças compreendem a religião no plano da abstração², não apenas representando a religião como o local onde o culto era realizado.

Marchi (2011) trata desta posição de invisibilidade do objeto infantil dentro da epistemologia das ciências sociais, não existindo assim uma Sociologia da Infância que estudasse as crianças como um objeto de estudo autônomo, já que ela era sempre estudada “a partir das instituições que a acolhem” (p.396), e teve seu status de ator social geralmente negado nas investigações. A autora faz um paralelo com a exclusão que o objeto infantil passou e o processo dos estudos de gênero no caminho de legitimação dos mesmos. Ortner (1979) comparou a disputa entre mulher e cultura à disputa clássica do paradigma antropológico de natureza e cultura, aproximando o feminino à natureza, ao ‘indomado’, a algo inferior. Tal analogia pode ser estendida ao local da infância, comumente associada ao paradigma da natureza, que em termos douglasianos, seria um “perigo” à organização social. Marchi (2011) aponta o local das crianças como o “reino da natureza” (p.400), o que as coloca numa posição culturalmente inferior e socialmente inacabada e apenas com os processos de socialização e educação, desempenhados pela família e a escola, é que podem ser introduzidas à sociedade e à cultura. Para a autora, o argumento de Prout (2005) de que as crianças são um objeto híbrido, entre a natureza e a cultura, é que as coloca na posição de subordinação e invisibilidade. A socialização, então, seria o caminho para inserção da criança na sociedade, o que não significa que é um processo passivo – elas também têm consciência de seus desejos, sentimentos, ideias e expectativas, e são perfeitamente capazes de expressá-los (MARCHI, 2005).

² A igreja como um local de “muita paz e muito amor” (PIRES, 2005, p.220), em contraste com a igreja (prédio) apenas – que aí seria a concepção *não-adulta* de religião. Não pretendo me estender nessa discussão, apenas exemplificar o sistema de compreensão do mundo das crianças em contraste com os “demais” mundos.

No entanto, a questão dos sentimentos e emoções nas ciências sociais é também um campo que ganhou força na Antropologia a partir dos estudos americanos da década de 1970 e apenas em 1980 uma abordagem relativista dos sentimentos surgiu, tratando-os como conceitos culturais que produzem a experiência afetiva. Uma das grandes teóricas deste campo, Catherine Lutz (1988), propôs a noção de que emoção implica negociar com uma gama de aspectos da vida social, tornando-se “um idioma que define e negocia as relações sociais entre uma pessoa e outras” (LUTZ e WHITE, 1986 in REZENDE e COELHO, 2010). O caminho epistemológico da antropologia das emoções foi em direção a uma abordagem mais contextualista, onde em meados de 1990 passou-se a compreender também a dimensão das emoções em relações de poder, as consequências dos sentimentos nas relações sociais, o que Rezende e Coelho (2010) chamam de micropolítica das emoções.

Dentre as várias abordagens, destaca-se o que Lutz (1988) chamou de etnopsicologia, um conceito que se refere ao sistema de conhecimentos que define e explica a pessoa, permitindo que ela monitore a si mesma e aos outros, possibilitando uma antecipação aos comportamentos e adequando-os às mais variadas situações sociais. Seu pressuposto inicial é a dualidade corpo e mente e pode ser estendida para razão e emoção, num caminho quase evolucionista e hierárquico de organização destas categorias; onde corpo/razão seriam mais regrados e seguros e mente/emoção, o extremo oposto. Essas dualidades não excluem o papel da biologia na demonstração das emoções, como por exemplo, as cargas hormonais que alteram os comportamentos, mas, compreende-se inclusive a grande participação do fator cultural no produto das ações emotivas, que seria o conceito de “embodiement”³ de Michelle Rosaldo (1984), onde as emoções seriam “embodied thoughts”, que engloba a ideia de emoção muito mais como prática do que uma essência pessoal. Ela é treinada através dos agentes sociais e culturais que legitimam as práticas comuns da sociedade, quando e como expressar os sentimentos. Mauss (1979), num ensaio sobre os ritos funerários australianos, demonstra esta sobreposição do social sob o individual. Em suas palavras, “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de

³ Este conceito pode ser traduzido livremente como corporificação das emoções, uma vez que a expressão das mesmas é feita de forma física.

sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação” (MAUSS, 1979:147), e Lutz reitera dizendo que: “A emoção pode ser vista como um processo cultural e interpessoal de nomeação, justificativa e persuasão de pessoas em relação com outras. O significado emocional é assim, uma realização muito mais social que individual, um produto emergente da vida social” (LUTZ, 1988:5, tradução livre).

A penitência, então é uma das mais tradicionais e legítimas formas de expressão de emoções, culturalmente aceita e legitimada pelas práticas religiosas cristãs, e especificamente para este caso, católicas. Campos (2013) publicou recentemente um livro derivado de sua tese de doutorado sobre os Ave de Jesus, grupo de penitentes que atua em Juazeiro do Norte – CE. Em linhas gerais, a autora explora a relação dos sentimentos de misericórdia e sofrimento com a identidade dos penitentes e da formação da identidade do Juazeiro como um todo. Essa relação ‘penitência x localidade x grupo’ interessa a esta pesquisa por se adequar ao caso proposto na forma de ‘pagamento de promessas x Morro da Conceição x crianças’. A penitência em forma de pagamento de promessas acontece num local legitimador dessa prática, o Morro da Conceição, que assim como Campos (2002) coloca, “a emoção tem um importante destaque em um cenário em que o sofrimento físico é a forma mais comum de expressão da religiosidade local. Juazeiro recebe todos aqueles que vem para chorar, se consolar, se compadecer e serem misericordiosos” (p.117). No Morro da Conceição o sofrimento nem sempre se configura como uma penitência de dor física, mas físico por ser demonstrado de forma corporificada, além do discurso e palavras, mas também por atitudes. Dessa forma, o sofrimento é concreto, visto e aprovado socialmente dentro do contexto da Festa do Morro, mesmo que por uma criança. O pagamento de promessas (que neste caso é a penitência) pode ser compreendido como uma espécie de peregrinação ou romaria em direção à imagem de Nossa Senhora da Conceição.

“As peregrinações existem em muitas versões religiosas, e esse termo, abrangente, pode aplicar-se a todas elas. Não estão presentes somente nas manifestações religiosas estruturadas como igrejas (...), mas também naquelas formas que constituem movimentos não tão estruturados (...)” (MAUÉS, 2013:122).

Campos (2002) traz o trabalho de Kleinman & Lock (1997) para tratar do sofrimento como uma experiência social: “Uma vez que o sofrimento ganha significado através de representações culturais, ele é ao mesmo tempo *performance* e representação da realidade. Portanto, o modo como o sofrimento é descrito nos leva a uma forma particular de como ele é vivenciado” (p. 118). R.Campos nos lembra que a forma de expressão varia de acordo com o grupo, pois as formas de apropriação cultural variam, sendo as crianças um grupo específico que pode desenvolver sua forma específica de expressão e representação do sofrimento e, por que não, da penitência.

Sobre Abraão, Isaque e Agência Infantil

“Passado algum tempo, Deus pôs Abraão à prova, dizendo-lhe: “Abraão! ” Ele respondeu: “Eis-me aqui”.

Então disse Deus: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei”.

Na manhã seguinte, Abraão levantou-se e preparou o seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e Isaque seu filho. Depois de cortar lenha para o holocausto, partiu em direção ao lugar que Deus lhe havia indicado.

No terceiro dia de viagem, Abraão olhou e viu o lugar ao longe.

Disse ele a seus servos: “Fiquem aqui com o jumento enquanto eu e o rapaz vamos até lá. Depois de adorarmos, voltaremos”.

Abraão pegou a lenha para o holocausto e a colocou nos ombros de seu filho Isaque, e ele mesmo levou as brasas para o fogo, e a faca. E caminhando os dois juntos,

Isaque disse a seu pai Abraão: “Meu pai! ” “Sim, meu filho”, respondeu Abraão. Isaque perguntou: “As brasas e a lenha estão aqui, mas onde está o cordeiro para o holocausto? ”

Respondeu Abraão: “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho”. E os dois continuaram a caminhar juntos.

Quando chegaram ao lugar que Deus lhe havia indicado, Abraão construiu um altar e sobre ele arrumou a lenha. Amarrou seu filho Isaque e o colocou sobre o altar, em cima da lenha.

Então estendeu a mão e pegou a faca para sacrificar seu filho.

Mas o Anjo do Senhor o chamou do céu: “Abraão! Abraão! ” “Eis-me aqui”, respondeu ele.

"Não toque no rapaz", disse o Anjo. "Não lhe faça nada. Agora sei que você teme a Deus, porque não me negou seu filho, o seu único filho. "

Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro preso pelos chifres num arbusto. Foi lá, pegou-o e sacrificou-o como holocausto em lugar de seu filho.

Abraão deu àquele lugar o nome de "O Senhor proverá". Por isso até hoje se diz: "No monte do Senhor se proverá".

Pela segunda vez o Anjo do Senhor chamou do céu a Abraão e disse: "Juro por mim mesmo", declara o Senhor, "que por ter feito o que fez, não me negando seu filho, o seu único filho,

esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar. Sua descendência conquistará as cidades dos que lhe forem inimigos

e, por meio dela, todos povos da terra serão abençoados, porque você me obedeceu".

Então voltou Abraão a seus servos, e juntos partiram para Berseba, onde passou a viver"

Gênesis 22:1-19

Pensar a penitência infantil requer um movimento de raciocínio próximo ao daqueles que fizeram a promessa em primeiro lugar. A Bíblia é o livro sagrado dos Cristãos - neste caso, católicos – e de acordo com a doutrina religiosa, os fieis devem seguir os ensinamentos contidos na escritura sagrada e aprender com as muitas histórias ali contidas a fim de levar uma vida plena que os conceda participar da vida eterna ao lado de Jesus.

Na passagem relatada acima, Abraão ouve o chamado de Deus e entrega seu filho como sacrifício ao Pai. No Morro da Conceição, em momentos de provação, pais, avós, tios, consagram a Deus e Nossa Senhora a vida de seus filhos, prometendo sacrificá-los com atitudes em forma de agradecimento e lealdade. É uma forma de purificação da alma através de uma atitude desempenhada – e não escolhida – pela criança. Uma vez contido na Bíblia, o fenômeno do sacrifício pode ser compreendido, então, como legítimo dentro da fé católica. A fim de entender melhor a relação do sacrifício com a salvação da família, torna-se importante examinar uma obra clássica sobre o tema do sacrifício que iluminará a problemática.

A criança como objeto do sacrifício

Em 1899, Marcel Mauss, em colaboração com Henri Hubert, publica um ensaio intitulado “Sobre o Sacrifício” onde, a partir de dois esquemas sacrificiais (os judaicos e os védicos) e munidos de descrições etnográficas, os autores consideram possível estender suas conclusões acerca da função social do sacrifício e sua natureza para as demais manifestações sacrificiais. Apesar de diametralmente opostas em princípios, ambas as religiões são consideradas típicas dentro de suas culturas específicas, o que torna possível para Mauss e Hubert a extensão de suas conclusões aos mais diversos esquemas sacrificiais e assim, a formulação de um conceito único de sacrifício.

Proponho aqui, ampliar algumas noções exploradas na obra de Mauss & Hubert ao fenômeno da penitência infantil. Explico meu ponto através do exemplo de Carolina: A conheci, juntamente com seus pais, durante a Festa do Morro de 8 de dezembro de 2012. Ela foi a última criança que consegui contato durante a celebração, e seu tipo de penitência era a que eu mais esperava encontrar antes de ir a campo a primeira vez – cabelos enormes, nunca antes cortados ou aparados. A promessa foi feita por seus pais, durante a gravidez de sua mãe, quando a gestação apresentou problemas e o casal sentiu o perigo de perder a primeira e única filha. Decidiram, então, prometer a Nossa Senhora da Conceição que se a gestação seguisse saudável e Carolina sobrevivesse, não cortariam o cabelo da menina até ela completar sete anos de idade. Carolina e seus pais vão anualmente agradecer à Santa pela graça concedida durante a Festa do Morro e, conseqüentemente, provar que a promessa está sendo cumprida através das longas madeixas, orgulhosamente exibidas pela pequena.

Antes de discorrer sobre os pontos que se relacionam diretamente com o ensaio acima mencionado, é importante conceituar a diferença entre sacrifício e consagração, segundo os autores. Para eles, é fácil confundi-los. Pensar em sacrifício implica uma consagração, mas não vice-versa. Enquanto a consagração significa uma mudança de domínio - a oferta passa do domínio comum ao religioso - no sacrifício, o alcance da consagração vai além da oferenda em si (objeto, pessoa...). É possível dizer que há uma transformação geral de nível abstrato, presente nos dois conceitos, o que torna a oferenda “religiosamente transformada”: “O fiel que forneceu a vítima, objeto da consagração, não é no final

da operação o que era no começo. Ele adquiriu um caráter religioso que não possuía, ou se desembaraçou de um caráter desfavorável que o afligia; elevou-se a um estado de graça ou saiu de um estado de pecado” (MAUSS & HUBERT, 2013, p.17).

Os pais de Carolina, ao prometerem seus cabelos para Nossa Senhora da Conceição, almejavam firmar um pacto com o divino, sacrificando a própria filha⁴ a fim de “desembaraçar um caráter desfavorável” (*Idem*). Conforme dito por Maués (2013), “a peregrinação ou romaria é também sacrifício de consagração à divindade” (p.122), o que considero justificar minha colocação do fenômeno da penitência no Morro da Conceição (e *em direção* a ele) dentro da esfera do sacrifício. Tal fato chama atenção por diversas razões, mas é possível destacar alguns pontos e utilizar a teoria de Mauss & Hubert para categorizar e explicar melhor:

A penitência foi escolhida pelos pais, embora desempenhada pela filha.

Mauss & Hubert chamam de “sacrificante” aquele que “recolhe os benefícios do sacrifício ou se submete a seus efeitos” (p. 17) e de “objeto do sacrifício” a “coisa⁵ em vista da qual o sacrifício é feito” (p.17). O efeito que o sacrifício tem é o que os autores chamam de “ação irradiante do sacrifício” (p.18), uma vez que o ele produz um duplo efeito: sobre o objeto que é oferecido e sobre a pessoa moral que deseja que este efeito seja produzido. Sendo assim, pode-se dizer que os pais de Carolina são os sacrificantes, ela é o objeto do sacrifício e a promessa a Nossa Senhora da Conceição possui o duplo efeito acima explicado, oferecendo à mãe de Carolina a oportunidade de seguir sua gravidez com saúde, trazendo paz e tranquilidade a ambos os pais; mas há também o benefício direto à própria Carolina – Segundo seus pais, ela apenas está viva devido à promessa feita a Nossa Senhora da Conceição, o que se pode chamar de sacrifício, uma vez que a menina foi oferecida à Santa sem questionamentos à criança sobre sua vontade de participar.

⁴ Neste caso, não se está utilizando o termo “sacrifício” com o sentido que Mauss & Hubert atribuem, um sentido piacular e expiatório. O sentido é de utilizar a filha como objeto de negociação com o divino (aqui, N. Sra. Da Conceição) para alcançar uma graça.

⁵ Reitero que a proposta é de analogia, não significando que se está colocando a criança na mesma categoria de “coisa” ou “objeto”.

Sacrifício, na definição dos autores é: “um ato religioso que mediante a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa” e ainda: “as ocasiões de sacrificar são inúmeras e os efeitos desejados muito diferentes, e a multiplicidade dos fins implica a dos meios” (p. 21), o que justificaria as variadas formas de penitência na Festa do Morro, bem como a liberdade de escolha que há para os fieis sacrificantes e objetos do sacrifício.

Compreendo que a noção de sacrifício proposta por Mauss & Hubert envolve também a noção de que o objeto do sacrifício é destruído, há uma *vítima*. No caso de Carolina ou de qualquer outra criança penitente, não há a destruição de suas vidas ou de qualquer outra parte delas durante a *vigência da penitência*⁶. Contudo, considero adequada a analogia que proponho por carregar o peso de algo que não se escolhe⁷. A criança, então, passa a ser parte do *movimento do sacrifício*, onde é posta em negociação com Nossa Senhora da Conceição pelos seus pais – está em jogo não apenas seu futuro e de sua família, mas também seu esforço para que o bem aconteça através da promessa. Além de **consagrada**, a criança é também **sacrificada** em suas atitudes. Seguindo o pensamento mauss-hubertiano, apesar de não haver o sacrifício expiatório, há a abnegação, diretamente ligada a ideia de altruísmo e renúncia. Carolina deve renunciar sua possível vontade de cortar os cabelos até os sete anos de idade, em virtude de um sacrifício prometido por seus pais.

Cabe ainda comentar que, no esquema de Mauss & Hubert, o sacrifício envolve sangue, partes físicas, vegetais, comida; vida. A consagração é um rito que tem relação direta com o sacrifício, sendo assim, parte componente do mesmo. Para eles, a oferenda de cabelos (p.19) é um exemplo de ritual consagratório, mas não sacrificial. Dessa forma, o esquema sacrificial está montado, e é possível ver a criança ora como objeto do sacrifício, ora como consagrada, mas ainda assim parte direta do *movimento do sacrifício*.

Há assim, uma participação compulsória dessas crianças em ações de penitência/sacrifício, o que leva ao questionamento de onde entra o espaço da

⁶ Esta noção será explorada no capítulo 2.

⁷ A questão da agência infantil e das emoções das crianças acerca das penitências desempenhadas por elas será analisada em profundidade mais adiante neste mesmo capítulo.

criança na penitência e qual o grau de atitude que os pequenos possuem diante de uma situação predeterminada, onde aparentemente elas possuem uma postura passiva. É por este caminho de perguntas e inquietações que os estudos iniciais de Antropologia da Criança pavimentaram as diversas abordagens acerca da agência infantil e seus limites. Ser criança não implica ser necessariamente passivo.

Considerações acerca das teorias sobre agência infantil

Autora do livreto introdutório “Antropologia da Criança” (2005), Clarice Cohn foi uma das pesquisadoras que segue dedicando sua vida acadêmica aos estudos da infância sob o olhar da Antropologia. Após sua dissertação de mestrado sobre as crianças Xikrin (2000), Cohn despendeu esforços na tentativa de empreender uma teoria essencialmente etnográfica no tocante à questão da agência. Ao compreender a pesquisa sobre e com crianças como uma ferramenta complementar ao estudo antropológico em geral, iremos contribuir não somente para o crescimento da disciplina como um todo, mas acrescentar, significativamente, na construção da derrubada de noções arcaicas, como por exemplo, da criança como um receptáculo (CAMPIGOTTO ET AL., 2012). Recentemente, David Oswell dedicou uma obra teórica ao tema: “The Agency of Children” (2013) onde percorre o caminho da criança como ator da esfera privada até seu campo de ação dentro da sociedade e, conseqüentemente, sua abrangência por parte dos direitos humanos. É nesta obra que ele traz o seguinte pensamento:

“Dito isto, assim como os adultos, as crianças têm agência em relação à estrutura social. Elas não são simples e passivamente encaixadas em papéis preexistentes. Ao contrário, crianças são vistas ambas para afetar e serem afetadas pela estrutura social e pelas construções e instituições da infância que aí existem” (OSWELL, 2013:45, tradução livre).

No entanto, o conceito de agência por si só é difuso e controverso e, por que não, relativo. Oswell trata da agência infantil como um “universal social”, onde a criança como agente social é o reflexo e a origem da ação social. A proposta dele é, então, compreender a agência infantil “em termos de interação social” (p.51), considerando que esta interação é construída de acordo com seu caráter situacional e compreendida pelo autor sob quatro diferentes modelos analíticos

relacionados à estrutura social: *Peer cultures*, *social competence*, *hegemonic negotiation* e *tactical agency*⁸. A seguir, proponho uma exploração mais aprofundada destes modelos, a fim de ampliar o horizonte discursivo sobre o tema deste trabalho:

Peer cultures

Corsaro (2003, 2005), através de pesquisas na Itália com crianças no pré-escolar, discute e define as *peer cultures* como interações que, quando se sai de dentro do ambiente familiar passam a ter o mesmo valor para a criança. É uma série de culturas coletivas com importâncias individualizadas⁹ (OSWELL, 2013). É ele também que traz o componente da criatividade à ação infantil, postulando que as crianças captam criativamente a informação proveniente do mundo adulto para produzir suas culturas próprias. Tal pensamento reitera a importância da socialização e participação dos pais/responsáveis em suas formações, sem descartar a participação infantil em suas rotinas, tomadas de decisões. Exemplo prático pode ser observado na rotina das famílias brasileiras, onde 75% do orçamento familiar é destinado aos filhos¹⁰.

Para esta pesquisa, interessa compreender qual a participação da criança na tomada de decisão em relação ao pagamento da promessa e, o local da promessa dentro dos grupos onde a criança vivencia e produz cultura. Isso será mais bem compreendido no próximo capítulo, onde serão abordados os dados obtidos em campo.

Social competence

A competência social da criança é uma constante *negociação dinâmica*, uma realização ativa: Suas verdadeiras fundações, no caso infantil, são as manipulações da criança dos recursos culturalmente disponíveis para gerenciar estratégias de interação, tanto quanto o impacto das ações sociais de outros no esquema (HUTCHBY AND MORAN-ELLIS, 1998: 15-16). Hutchby e Moran-Ellis argumentam contra a ideia que a competência da criança é uma forma de

⁸ Tradução livre: Culturas de pares; competências sociais, negociações hegemônicas e agência hábil.

⁹ Essas culturas coletivas são desenvolvidas a partir de interações com grupos além-família, que não necessariamente significam ausência de adultos e sim, uma mistura de crianças, adultos, brinquedos, mídia, etc.

¹⁰ Fonte: <http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/infomoney/2006/10/12/ult4040u309.jhtm>

autonomia da cultura adulto-controlada. A compreensão se dá através da pesquisa empírica, e qualquer forma de investigação diferente da proposta, para os autores, apenas irá dar conta de certas áreas de ação, sendo extremamente importante observar e se aprofundar na coletividade.

Hegemonic negotiation

A abordagem hegemônica recorre a um mais amplo arranjo de recursos – não há uma única, fixa e autêntica cultura infantil. O que há é o ser infantil formado através de “consequências e efeitos do poder institucional, negociação cultural e do discurso e contestação. Ao invés de priorizar condições de co-presença, esta abordagem tem a compreensão da formação cultural de coletividades no contexto da mídia e das tecnologias culturais da modernidade” (OSWELL, 2013: 57, tradução livre). Importa ainda compreender a micropolítica das relações interpessoais, onde há um espaço de resistência na ação infantil em relação à família ou à classe escolar. Estas relações de poder existem não apenas na interação adulto-criança, mas na própria interação criança-criança e na sua rotina. “Estas culturas não são **para** crianças, são **de** crianças; produzidas por ambos, crianças e adultos, e em termos de participação, são definidas no contexto destas disputas culturais, negociações e estruturas de consentimento” (OSWELL, 2013: 57, tradução livre, grifo meu).

Tactical agency

Conceito cunhado por Honwana (2005) que tem sua base em teorias de De Certeau em contraste com Foucault, a agência tática foi pensada em um contexto de pesquisa de conflito, em Moçambique, com os jovens combatentes. A agência destes atores acontece em contraste com as condições imediatas que lhes são apresentadas, na intenção de maximizar as circunstâncias criadas pelo ambiente militarizado e hostil. É uma espécie de agência que está situada num estado suspenso, um espaço fronteiro e que, seguindo as ideias de Michel de Certeau (1984) o termo tático refere-se à ação ligada a seu oposto, que implica uma ideia de alteração.

Desta forma, Honwana compreende que esta “agência inter-relacionada tática”¹¹ tem uma relação mais criativa e experimental com as estruturas que lhe são apresentadas, uma vez que agem em direção à mudança situacional, no que Oswell (2013) chama de “bricolagem criativa” (p. 59).

Uma agência relativa

Os modelos descritos acima então, destacam uma agência parcial, condicional, situada, empírica e uma revelação coletiva da criança em seus esquemas sociais (OSWELL, 2013). Ainda que seja observado um destaque na natureza da agência infantil como ação em contextos empíricos particulares, o conjunto destas negociações empreendidas pela criança possui, ainda que residuais, traços da estrutura social.

Compartilhando da ideia de Cohn (2002) que traz o trabalho de Caputo (1995) como norte, encaixo aqui uma crítica que esta fez à forma como a antropologia trata a criança em posição de mudez ou em relação ao mundo adulto.

“(...) a antropologia estaria focando no que falta à criança e conferindo-lhe uma passividade que falha em notar que ela é, na realidade, ativa na produção de um mundo social próprio. Vendendo-as como reprodutoras do mundo adulto, os antropólogos não perceberiam que os pequenos são atores sociais ativos e produtores de cultura. E, finalmente, tratando crianças como seres ‘incompletos’ ou ‘parcialmente culturais’, limitar-se-iam a afirmar que elas sabem menos que os adultos, em oposição a saber outras coisas” (COHN, 2002: 231).

Desta forma, justifico a proposta de fazer uma antropologia **com** crianças e **da** criança, trazendo-as como atores sociais de seus próprios contextos. Dizer que a agência infantil é relativa é, a meu ver, condensar os quatro modelos analíticos de agência propostos por Oswell, pois, compreende a autonomia infantil dentro de suas rotinas com as ressalvas da participação da criança dentro das instituições que as contém, a exemplo da família e da escola. Durante a realização desta pesquisa, deparei-me com situações que exploraram cada um dos quatro modelos analíticos descritos por Oswell, o que me leva a empreender uma tentativa de construir um modelo de agência, a seguir, para este trabalho.

¹¹ Do inglês *tactical interstitial agency*.

Agência infantil regulada

A infância como parte ativa da vida comum (seja em família ou na sociedade civil como um todo) é conceito fundamental para o entendimento de uma cultura da criança. “A criança constrói, divide e transmite crenças e pensamentos significativos que são manifestados em ambas as práticas coletivas ou individualizadas” (CAMPIGOTTO ET AL. 2012, p.4, tradução livre).

Pensar uma agência infantil regulada implica pensar os limites da performance da criança dentro de seu universo de ações. Sendo assim, é impossível não mencionar o trabalho de Victor Turner (1974, 2005, 2008) para compreender essa noção. Essa antropologia da performance contemporânea busca entender as dimensões da vida social (DUARTE, 2010).

“Os problemas levantados por essa nova perspectiva focam sua atenção na evidenciação das dicotomias sociais, nas contradições e nas novas formas de relações, específicas de um mundo fragmentado. Os estudos sobre performances surgem então como um método de pesquisa dessa realidade que em muito nos apresenta como avessa e conflituosa” (DUARTE, 2010, p.42).

Partindo do pressuposto defendido por Peirano (2002) que os atores sociais são capazes de conduzir alterações nas relações estabelecidas, a compreensão da mudança social se expandiu, abrindo ao ser humano uma gama maior de possibilidades de ação. Quando falando a respeito de crianças, essas possibilidades são reduzidas devido à subordinação às instituições sociais a que estão ligadas. Ainda assim, dentro dessas macroestruturas, as crianças possuem poder de negociação e persuasão dentro de seus contextos socioculturais. Podemos compreender o momento do pagamento de promessas como um evento ritualístico, fundamentais para a dinâmica da sociedade (TURNER, 2005). Se o rito é a interrupção da vida cotidiana para uma ação performática e teatral daquilo que é contínuo na sociedade através de uma vontade e uma simbologia que não está inscrita num “manual cultural” (TURNER, 2005), a criatividade tem cadeira cativa nas possibilidades de ação, o que coloca a criança penitente como parte de uma situação de liminaridade, onde a possibilidade de transformação é maior que em situações corriqueiras.

Compreendo a criatividade infantil como limitada e regulada nesse contexto por motivos já explicitados acima. No entanto, não acho possível conceber a penitência infantil como um rito de passagem, pois, apesar de ser um evento alheio à vida social comum da criança e sua família, a criança não está mudando de fase social, o rito de passagem, se é que assim pode ser chamado, acontece quando a promessa é finalizada e a dívida é saldada com o divino. Voltarei a esse tópico mais adiante.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Pensar uma pesquisa com crianças do ponto de vista antropológico, alguns anos atrás, implicaria pensar numa pesquisa onde elas aparecessem como objetos de pesquisa, sempre relacionadas a uma instituição que lhes contivesse (a exemplo da escola ou da família) ou até mesmo como entraves na realização de pesquisas maiores envolvendo outros sujeitos como foco da investigação. Desde os anos 1960, quando a disciplina passou a se dedicar a questões que envolvessem o paradigma da natureza x cultura, a criança “mudou de lado” e tornou-se, também, sujeito.

Pesquisas envolvendo suas percepções acerca de fenômenos da vida social desafiaram os paradigmas de passividade que pairavam sob a aura da infância. Mas para chegar a esta concepção contemporânea de que a infância é, enfim, uma fase da vida que tem muito a comunicar para a compreensão da vida em sociedade, pesquisadores como Toren, Campos, Pires, Cohn, entre tantos outros, surgem como expoentes desta concepção que contempla a compreensão da criança como agente ativo e produtora de falas com sentido. Estas novas ideias que datam de meados dos anos 1990 até os dias atuais, configuram-se como produtos do desenvolvimento comum da disciplina, conforme mencionado acima, iniciado por volta dos anos 1960 com pesquisas de Malinowski, Mary Douglas e outros antropólogos clássicos.

A pesquisa antropológica *per se* é vasta e necessita dessa vastidão justamente para contemplar a sua agenda, que envolve a compreensão do outro, o estranhamento, a apreensão da complexidade da vida cotidiana em sociedades. No entanto, para o empreendimento de uma pesquisa com e sobre crianças, é preciso articular uma série de técnicas distintas a fim de concluir a proposta. Decidi, então, analisar um dos trabalhos da pesquisadora Flávia Pires, publicado em 2011 como resultado de sua tese de doutoramento na Universidade Federal da Paraíba, por ser uma abordagem que se aproxima do que pretendo realizar na minha pesquisa de dissertação de mestrado. O trabalho de Pires também serviu de base para a pesquisa que desenvolvi entre 2008 e 2009, também com crianças e religião.

Pires: Um modelo de pesquisa multitécnica com crianças no Brasil

Em seu livro intitulado “Quem tem medo de mal-assombro?: Religião e infância no semiárido nordestino” (2011), Flávia Pires se propõe a compreender como uma criança catingueirense torna-se religiosa e como constrói as suas ideias acerca do que é mal-assombro. Ciente de que seu trabalho passaria por diversas críticas, a autora se defende de pronto ao afirmar que essa não é uma obra pertencente apenas à antropologia da criança ou da infância, e sim, uma obra da antropologia apenas, só que com crianças incluídas.

Concordo com Pires quando, em ocasião de justificar a realização de sua pesquisa com crianças é necessária também a participação de adultos, pois compreender o universo da criança permite uma compreensão mais completa do universo de crianças em geral e de adultos.

“[...] compreender a religiosidade infantil pode levar-nos a melhor compreender a religiosidade nos moldes adultos. De acordo com minha perspectiva, é impossível empreender o projeto de estudar as crianças deixando de lado os adultos. Eles estão presentes nesta obra do princípio ao fim, foram incluídos na observação participante, nas entrevistas, nas comparações. Os adultos foram crianças, as crianças serão adultos e, além disso, toda criança é filha de dois adultos e vive cercada por eles. [...] Adultos e crianças precisam ser estudados em relação [...]. Não estou dizendo, no entanto, que o estudo das crianças só possa ser levado a cabo em função de uma melhor compreensão dos adultos. Acredito que o estudo das crianças pode iluminar o mundo dos adultos, da mesma forma que o estudo destes tem o potencial de iluminar o mundo daquelas. Isso porque o que opera são as relações entre as pessoas de diferentes idades. Apesar de serem vistos, em grande medida, como ontologicamente distintos, não existe em Catingueira um ambiente exclusivamente infantil ou adulto, e por isso, não faria sentido congelar os dois grupos para estudá-los como se existisse em função de si mesmos.” (p. 23)

Sendo assim, a pesquisadora buscou conjugar diversas técnicas de pesquisa para que, juntas, gerassem um resultado próximo à realidade de ambos os grupos. Comungo da ideia da pesquisadora, pois, em minhas duas pesquisas realizadas com crianças até o momento, foi importante também incluir os adultos que faziam parte do universo infantil nas pesquisas.

Antes de adentrar no terreno da confecção da pesquisa, faz parte da pesquisa antropológica em seu cerne a reflexividade e a reflexão do pesquisador enquanto parte do ambiente em que está inserido. No caso da pesquisa com

crianças, frequentemente os pesquisadores se deparam com o mais evidente e primordial dilema: “ser adulta e pesquisar crianças” (p.32). Com artigo lançado em 2007 com este mesmo título, Pires começou a explorar essa condição, que aprofundou em ocasião do lançamento do livro. Vivendo experiências similares a da autora, acredito que, de certa forma, a empatia e o interesse do pesquisador pela criança funcionam como instrumentos metodológicos, pois eles possibilitam que a criança se aproxime e crie uma relação de confiança, respeitando o ritmo da criança. Sem a empatia, acredito não ser possível realizar uma pesquisa com crianças se o foco for compreendê-las como interlocutoras e sujeitos da pesquisa. Pires precisou se mudar de sua residência para a cidade onde realizou a pesquisa (Catingueira-PB) e sua aproximação com as crianças aconteceu através de diversas formas, envolvendo sua própria casa e o uso de brincadeiras para envolver as crianças, como por exemplo, ensinar a fazer papel reciclado, contar histórias, etc.

As brincadeiras funcionavam como um instrumento não só de aproximação, mas também de observação. Concordo com a escolha de Pires em utilizar, na maioria das vezes, sua casa para que as crianças realizassem as brincadeiras e atividades, pois, ali elas desenvolveriam certa autonomia, distante dos olhares da família. Isso, claro, não exclui a necessidade de estudar a criança no seu ambiente familiar também, tornando ambos os ambientes necessários por serem complementares. Dinamizar o ambiente de pesquisa, quando se trabalha com crianças, é de extrema importância, pois, “a presença do pesquisador introduz artificialidade ao contexto pesquisado” (p.34) e embora não seja possível eliminar tal atmosfera do ambiente, é preciso tentar diminuir o fosso que separa o pesquisador dos seus sujeitos de pesquisa. No caso das crianças, isso pode ser feito através do distanciamento da imagem do pesquisador à imagem dos adultos que a criança tem contato. Assim eu o fiz em pesquisas anteriores, e assim fez Pires, chamada de “uma adulta diferente” (p.39) pelas crianças catingueirenses. Esta categoria implica numa compreensão de Pires como alguém que interage e conversa com as crianças, uma vez que no seu contexto de pesquisa os adultos não possuíam uma relação de proximidade com as crianças. O fato de se colocar como estando ali para aprender com as crianças e não ensiná-las sobre qualquer coisa, também confere aos pequenos um status de poder e conhecimento, que os

deixam confiantes (p.38) e confiando no pesquisador para poder discutir sobre os assuntos propostos e espontâneos.

Assim, é importante pensar sobre a inserção do pesquisador em campo e sobre aspectos metodológicos de uma pesquisa feita com crianças. Pesquisá-las é uma tarefa delicada porque existem bastantes diferenças entre o pesquisador e o pesquisado, afinal, à primeira vista é um adulto pesquisando uma criança. Flávia Pires (2007) soluciona o impasse da entrada e ação dentro do campo colocando que se deve resolver este problema buscando a solução dentro do próprio campo, analisando cada caso a ser investigado. É preciso também evitar que esta antropologia a ser feita, não consista em um apanhado adultocêntrico¹² de idéias e conclusões a respeito de um universo ao qual o adulto em si não pertence.

A experiência etnográfica e a representação do outro

Ao pensar sobre a forma como o nativo e suas falas vêm sendo representados na Antropologia, James Clifford (2002) vem criticar o paradigma dantes enrijecido através de trabalhos clássicos como o de Malinowski (1922), onde a relação com o nativo necessariamente significava uma relação de dominação do pesquisador ante o seu objeto.

A forma de realizar estes trabalhos é pelo “trabalho de campo” já consolidado como pedra de toque da disciplina desde os seus primórdios. “A pesquisa de campo, no sentido concreto, o do contato com o outro, é sem dúvida a marca registrada da Antropologia” (Schwade, 1992, p.44).

Mas de que forma isso havia sido feito? Clifford argumenta que a representação do nativo nos textos etnográficos é feita por uma textualização que não apreende o universo do nativo e nem lhe dá voz ativa para representar a “verdade”, sendo assim, “(...) a prática de representação intercultural está hoje mais do que nunca em cheque” (Clifford, 2002, p.18). E é dentro dessa questão que está a textualização da experiência etnográfica, e “(...)se a escrita etnográfica não pode escapar inteiramente do uso reducionista de dicotomias e essências,

¹² Segundo Gobbi (1997), o termo adultocêntrico se aproxima do termo “etnocentrismo”, bastante utilizado na Antropologia, e que designa uma visão de mundo segundo o qual o grupo a qual se pertence serve de referencial para a observação dos demais. Neste caso, a visão que se tem é a do adulto, observando a lógica infantil com o olhar e o sentido de um adulto.

ela pode ao menos lutar conscientemente para evitar 'outros' abstratos e a-históricos" (Clifford, 2002, p.9).

A posição do pesquisador já o coloca em uma situação delicada. Estar lá para observar e analisar o outro implica uma percepção, muitas vezes, de julgamento, por parte de quem está sendo observado.

No trecho citado acima, a pesquisadora dá informações iniciais sobre as técnicas de pesquisa que utilizou para a realização de seu estudo, no entanto, é ao longo do seu primeiro capítulo que expõe com detalhes a metodologia da pesquisa. Dentre as os materiais de pesquisa não convencionais nos estudos antropológicos tradicionais estão os desenhos, redações, filmagem, diários, fotografias, cartas, entrevistas com crianças e programas de rádio, dos quais duas técnicas que se destacam das outras na pesquisa: observação participante e a análise de desenhos infantis associados a redações.

A variedade de técnicas

A escolha por utilizar as duas técnicas é justificada pela pesquisadora pelo fato de que, quando combinadas, elas ajudam a interpretação e favorecem a inclusão dos adultos na pesquisa. Os desenhos foram então categorizados em três tipos: livres, temáticos e temáticos controlados. Os desenhos livres não têm temas definidos – as crianças podem desenhar o que quiserem. Os desenhos temáticos são desenhos feitos a partir de vários temas sugeridos pela pesquisadora às crianças. E os temáticos controlados são desenhos feitos a partir de dois temas predefinidos: "a minha religião" e o "mal-assombro", com um número fixo de crianças (vinte) e a faixa etária definida (de 3 a 18 anos¹³ de idade).

A segunda etapa do método é a interpretação dos desenhos por faixa etária. A tarefa da pesquisadora é de "observar, em um único momento, como as crianças de variadas faixas etárias compreendiam um determinado assunto" (p. 53), de maneira que os dados são observados de forma individualizada entre as

¹³ Eu, particularmente, não considero essa faixa etária como exclusivamente de crianças, mas também de adolescentes. A autora, no entanto, decidiu-se por este intervalo grande de idade para que pudesse fazer um comparativo dos resultados obtidos por faixa etária. Como se tratava de uma pesquisa de doutorado, com mais tempo e recursos, tal empreendimento foi viável. No caso das pesquisas que realizei e da minha da dissertação, foi preciso delimitar uma faixa de idade menor.

faixas etárias (olhar datado e específico) e de forma coletiva (olhar diacrônico). O resultado é a obtenção de um "panorama geral que contém as diferenças na percepção do tema proposto em relação a todas as idades em questão" (p. 54).

As escolhas de Pires são justificadas pela particularidade de seu campo. A autora compreende que o impasse de ser um adulto pesquisando uma criança só é resolvido em campo, analisando cada caso de pesquisa (p.40). Compreender esta dimensão certamente justifica a escolha pelo vasto leque de métodos e técnicas aplicados para a realização desta pesquisa específica.

Os desenhos, na opinião da autora, funcionaram como um instrumento de captação da espontaneidade do momento, uma vez que conseguem fazer com que a criança registre a primeira coisa que vem à sua cabeça, o que é mais óbvio. Quando combinados com a observação participante, tornam-se ainda mais poderosos. A partir deles, a observação participante ganha um direcionamento novo, um guia. Tal fato é advindo do pensamento de Christina Toren (2002), cujo trabalho serve como base para a construção da metodologia de pesquisa de Pires.

A metodologia de aplicação dos desenhos empreendida por Pires consistia na realização do desenho (livre ou temático), seguida de uma breve explicação acerca do mesmo. Para crianças alfabetizadas, era pedida uma frase como título do desenho e para aquelas iletradas, que falassem um pouco a respeito. "Os desenhos úteis para a pesquisa antropológica são, sem dúvida, aqueles nos quais as crianças se esmeraram nos comentários. Diferentemente dos psicólogos, os antropólogos não são treinados para inferir qualquer conclusão a partir de um desenho" (p. 50), o que significa dizer que quando a pesquisadora não compreendia o que determinado desenho significava, ela pedia à criança que explicasse o que era o desenho, a fim de obter uma interpretação do próprio autor do desenho.

"Além de Toren, James, Jenks e Prout concordam que a eficácia da técnica do desenho é potencializada na medida em que eles são motivos de discussões posteriores" (p. 52). "Conversar com as crianças sobre o significados que elas atribuem para seus desenhos ou pedir a elas que escrevam uma estória, permite que as crianças se engajem mais produtivamente com as nossas questões de

pesquisa, usando os talentos que elas possuem” (James, Jenks, Prout, 1998: 189 *in* PIRES, 2011: 51). Outra técnica que gerou uma co-produção entre crianças e pesquisadora foi a fotografia. A mesma pediu que as crianças fotografassem coisas do seu dia-a-dia, após rápidas aulas de fotografia para elas. A subsequente análise conjunta dos materiais produzidos revelou-se bastante interessante, uma vez que, conforme observado na literatura da área (Nesbitt, 2000 *in* PIRES, 2011), a técnica é positiva, pois, faz a criança esquecer que está sendo pesquisada enquanto faz ou analisa as fotos, além de ser uma atividade divertida.

Em relação aos diários, Pires utilizou-se da técnica já feita por Punch (2001), em que pediu para que algumas meninas mantivessem um diário da pesquisa, que ao final seriam entregues à pesquisadora. O resultado foram descrições muito pessoais das vivências da pesquisa, além do aparente capricho em confeccionar os diários para a pesquisadora. “Por meio do diário é possível ao antropólogo ter acesso a realidades normalmente restritas, como por exemplo, as refeições em família” (p. 56). É preciso, claro, lembrar que ao aplicar essa técnica, as crianças estão cientes que o pesquisador irá ler o conteúdo do diário e ao devolverem o diário a ele, elas estão lhe garantindo o acesso a esses conteúdos.

Já o “programa de rádio”, foi uma ação conjunta entre a pesquisadora e as igrejas de Catingueira. A pesquisadora pediu a cada uma das igrejas da cidade que realizasse um rápido programa de rádio com as crianças pertencentes à instituição, cujo conteúdo era explicar sobre as outras religiões (a diversidade religiosa), mas o resultado não foi muito proveitoso no quesito de ouvir as opiniões das crianças, porque os programas foram todos não apenas coordenados pelas professoras, mas também enviesados pelas opiniões delas¹⁴.

As entrevistas ou “entrevistas”, como Flávia Pires coloca, foram abertas. Sobre esta técnica aplicada à pesquisa com crianças, comenta:

“De acordo com a minha experiência, essa técnica limita a espontaneidade infantil. No caso estudado, as conversações informais foram usadas como substitutas das entrevistas, com resultados mais positivos. As entrevistas exigem um aparato especial, com lugar reservado, hora marcada, gravador, estar

¹⁴ A pesquisadora descreve que as crianças reproduziam o discurso das professoras porque era possível ouvi-las dando as coordenadas e ditando um texto para ser repetido.

sentado. As conversações, por sua vez, podem ter lugar a qualquer hora e em qualquer lugar” (p. 57-58)

Concordo com a escolha da autora, em partes, no que diz respeito a sua escolha em usar conversações mais informais para obter o resultado similar ao de uma entrevista. Acredito que o elemento principal da pesquisa com crianças é a espontaneidade – o respeito à espontaneidade infantil e saber conduzir a criança dentro de um ritmo que ela impõe. No entanto, acredito que haja espaço para a realização de entrevistas semiestruturadas. Em trabalho realizado entre 2008-2009, misturei ambas as propostas (CISNEIROS, 2009). A experiência com a entrevista semiestruturada revelou-se positiva, pois, a criança se sentia importante, pelo interesse em desenvolver algo formal. Mas, claro, a técnica precisou ser adaptada em termos de linguagens e também do tempo, a fim de não entediar a criança.

Pires coloca que entrevistas com roteiro estruturado foram realizadas com adultos para compreender o que eles pensavam sobre os mesmos temas que as crianças e os desenhos feitos por elas. Mayall (2000) também adota a entrevista com adultos a fim de conhecer mais sobre a criança. Apesar de existirem pesquisadores que postulam a pesquisa com crianças feita apenas com crianças, por considerar que as crianças constituem um mundo/uma sociedade específica, o que justifica o estudo delas em si mesmas. Mas concordo com Pires, Toren, Morton e Mayall, entre outros, que defendem que a pesquisa com crianças só enriquece com a participação dos adultos que fazem parte do mundo da criança. “Eu compartilho a visão de Toren de que estudar crianças como se seu mundo social fosse, de alguma maneira, separado dos adultos, é fornecer uma análise inadequada” (MORTON, 1996: 5 *in* PIRES, 2011: 58).

Uma das técnicas mais criativas da pesquisadora, mas já amplamente usada na Antropologia Social, foi o roteiro de filmagem. A pesquisadora elaborou um roteiro que tinha relação com o tema da pesquisa e gravou com algumas crianças selecionadas por ela, após algum tempo de pesquisa. Sobre essa técnica, algumas considerações devem ser feitas: a confiança é um fator importante para que as crianças se desenvolvam perante a câmera; elas têm

consciência de que o vídeo está sendo feito por e para adultos, o que as leva a adotar posturas específicas enquanto gravando o filme.

A última técnica e também a menos eficaz de todo o trabalho empreendido por Pires, foi escrever cartas. Neste momento, as crianças recebiam o papel e o lápis e a escrita da carta era livre, inclusive a escolha de para quem era, foi livre. A ineficácia das cartas, se é que pode ser dito isso a respeito delas, se deu porque elas não foram consideradas uma atividade divertida pelas crianças, sendo os desenhos preferidos por elas. Sendo assim, a pesquisadora optou por não insistir nas cartas e adotar o desenho como técnica por ser algo que as crianças se sentiam mais à vontade realizando.

Diante do exposto, importa destacar alguns pontos acerca dos métodos empreendidos na pesquisa de Pires com crianças: espontaneidade na realização da pesquisa; dimensão lúdica das técnicas; posicionamento estratégico do pesquisador; confiança entre pesquisador-pesquisado; criatividade para a escolha das técnicas. “Quanto mais variadas as técnicas aplicadas, melhor a compreensão da realidade a ser estudada. Até mesmo para se chegar à conclusão de quais são as técnicas mais adequadas a um objeto específico na área da infância, é positivo extrapolar o cânone antropológico da observação participante” (p. 61).

Ainda assim, a importância da observação participante foi nítida dentro de toda a obra de Pires, e a própria autora destaca que esta, aliada aos desenhos, foi sua técnica mais utilizada e mais eficiente.

“A observação participante é o método por excelência da antropologia – com o que estou de completo acordo. Longe de mim querer contestar sua eficácia. O que ressalto, todavia, é que, apesar desta pesquisa ter sido construída, em grande medida, através do recurso à observação participante intensiva e prolongada, isso não impediu a aplicação de outras técnicas de pesquisa, necessárias pelas particularidades do objeto trabalhado. As crianças foram pesquisadas tendo como suporte metodológico os desenhos e todas as outras técnicas descritas acima. Com os adultos, utilizei as entrevistas como técnica complementar, embora, destaco novamente, tenha sido da observação participante que tirei os melhores frutos” (p. 61)

A afirmação de Pires demonstra toda a preocupação que a antropóloga teve ao construir sua metodologia de pesquisa, primando pela observação participante a fim de empreender uma pesquisa que se relacionasse com os moldes clássicos de se fazer antropologia, mas, compreendendo a singularidade dos sujeitos da pesquisa com sensibilidade suficiente para cogitar a inclusão de técnicas complementares para uma melhor apreensão dos dados.

Acredito que o trabalho de Pires sirva de modelo para os trabalhos desenvolvidos após ele, uma vez que a pesquisa teve sucesso. No caso particular das minhas pesquisas, os trabalhos da autora me ajudam a encontrar uma forma de adaptar a base metodológica clássica que aprendi ao longo dos anos de pesquisa às pesquisas que desenvolvi e pretendo desenvolver futuramente com crianças. Considerar a observação participante um ponto de partida e dela, reconhecer a necessidade de incluir novas técnicas, é certamente um dos melhores modelos para se estudar criança que já experimentei e que Pires descreve e aplica com maestria em seu livro. Acredito que a antropologia seja uma das únicas formas de adentrar no universo infantil respeitando os limites da infância sem considerar as crianças “seres incompletos” ou inferiores. Defendo, ainda, que a pesquisa com crianças ainda está em pleno desenvolvimento, e arrisco dizer que essa é uma área com crescimento iminente dentro da antropologia e o trabalho de Pires é, sem dúvida, um direcionamento para todos os pesquisadores que desejam enveredar por esse caminho.

A pesquisa a partir do Morro da Conceição

Tendo por base metodológica o trabalho acima explorado, decidi fazer a opção de mesclar técnicas, assim como Pires, a fim de percorrer o caminho do pagamento de promessas de uma criança penitente, compreender o grau de agência da criança durante o ciclo da promessa – desde o momento em que a criança é prometida (ou faz a promessa) até o cumprimento total da mesma – e o local da promessa na sua rotina. Sendo assim, foram realizadas entrevistas com as crianças e seus pais/acompanhantes durante e após a Festa do Morro, bem como a observação participante da promessa com os penitentes.

Esta pesquisa ou o estudo etnográfico das promessas infantis no Festa do Morro da Conceição, aconteceu em três fases: 1) a observação das crianças

através do método malinowskiano de observação participante, registradas em diário de campo. Uma vez identificadas, as crianças foram abordadas informalmente, assim como seus acompanhantes, na busca de contatos para posterior aprofundamento da condição de penitente da criança¹⁵; 2) A partir do contato durante a festa, foram feitas entrevistas semiestruturadas com as crianças e seus pais/responsáveis durante a Festa do Morro, da forma mais natural e espontânea possível, na tentativa de empreender algo natural para a criança, sem agredi-la simbolicamente; 3) A partir deste primeiro contato, também foram coletados dados e contatos dos pais ou responsáveis para autorização do uso das informações na dissertação, bem como mais entrevistas (quando necessário) para a complementação de informações adquiridas no momento da festa.

Escolha das crianças

A metodologia de escolha das crianças, desde o início mostrou ser um pouco perigosa, pois, eu só teria um único dia para: encontrar as crianças pagando a promessa no morro; abordá-las, juntamente com os responsáveis, para uma entrevista durante a festa; trocar contatos com os responsáveis para posterior encontro e aprofundamento do que foi conversado durante a festa. Por esse motivo, decidi ir à festa dois anos consecutivos (2012 e 2013), para tentar encontrar o maior número possível de crianças. A princípio, antes de ir a campo, pensei em escolher crianças a partir de sete anos, baseada em minha experiência de pesquisa anterior, onde as crianças tinham entre 9-11 anos e, conseqüentemente, maior independência. Entretanto, deparei-me com uma das surpresas que o trabalho de campo prega enquanto estamos concebendo o projeto de pesquisa: a maioria esmagadora das crianças que estava pagando promessas no Morro e que eu abordei, tinha entre meses e sete anos de idade.

Dessa forma, precisei pensar numa estratégia diferente, durante a festa, para uma definição da faixa etária, que foi a seguinte: abordar as crianças pagando promessas que fossem *aparentemente capazes de falar e exprimir*

¹⁵ A busca, então, seria por crianças acima de sete anos, aparentemente, até os doze anos, onde aí se encontra a fase da infância conhecida como “terceira infância” no campo da psicologia (mais especificamente Piaget e Vygotsky), e é onde a criança atinge toda a sua capacidade comunicativa oral, escrita e gestual e as relações sociais para além da família passam a ser essenciais. No entanto, durante a realização da pesquisa, isso teve que ser flexibilizado, pois a maioria das crianças tinha **até sete anos**. Tal assunto será posteriormente abordado no capítulo 3, quando me aprofundarei na etnografia da festa e das penitências infantis.

sentimentos, ou seja – que não fossem crianças tidas como “de colo”. Em termos oriundos da psicologia cognitiva, conforme mencionado acima, essas crianças (que estão no grupo entre 2 e 7 anos de idade) estão na fase pré-operacional ou segunda infância, onde este é o momento onde ela passa a perceber o mundo como além de si, saindo da fase de egocentrismo. Por isso, resolvi que quando abordasse a criança e seu acompanhante, se esta tivesse cinco anos ou mais, eu daria continuidade ao roteiro preestabelecido da minha pesquisa. Esta decisão tornou a pesquisa mais viável e permitiu que eu encontrasse os sujeitos chave da minha pesquisa dentro dessa abertura de dois anos a menos que adicionei à faixa etária. E isso corrobora a afirmação de Pires de que as estratégias de pesquisa com crianças devem ser definidas no campo, à medida que a pesquisa segue seu curso. É necessário deixar um espaço para a espontaneidade dentro da pesquisa antropológica com crianças, um pouco como deixar-se levar por seus sujeitos de pesquisa, esse é o ingrediente que torna a pesquisa com crianças instigante por ser inexata.

No total, somando-se os dois anos de observação da festa, eu abordei e troquei contatos com aproximadamente vinte responsáveis por crianças, no entanto, desses vinte, escolhi trabalhar mais profundamente com cinco crianças, porque do total nem todas tinham a partir de cinco anos ou até doze anos, que é quando é considerada a entrada na adolescência¹⁶. Em suma, a faixa da etária da pesquisa se tornou, então, entre cinco e doze anos.

Reconheço que o intervalo de sete anos pode ser considerado longo, mas justifico a escolha pela particularidade desta pesquisa inédita empreendida no meio antropológico¹⁷. Decidi também não concentrar o foco em crianças de uma só idade, a fim de comparar suas visões da penitência e promover também uma reflexão acerca do grau da agência infantil de acordo com suas idades, como veremos a seguir.

Entretanto, a observação participante ainda foi a técnica mais eficiente e reveladora que utilizei. Após pedir permissão aos acompanhantes e às crianças,

¹⁶ Seguindo o referencial da psicologia cognitiva adotado.

¹⁷ Na Antropologia, a pesquisa com crianças é recente, assim como a pesquisa aprofundada sobre penitência na disciplina. Adicionalmente, uma pesquisa sobre penitência infantil é inédita, sendo esta, a primeira no país a abordar e propor uma metodologia de pesquisa para esta situação específica.

acompanhava todo o ciclo do pagamento de promessas, com certa distância, para tentar anotar o máximo possível os detalhes da situação, mas deixando claro que estava lá. Como a subida até os pés da santa é relativamente longa, eu ficava cerca de 20 minutos na subida, fora o tempo do pagamento de promessas e a entrevista, subsequente a este momento. O tempo médio com cada criança-responsável era de 40 minutos a uma hora, na festa. Diante das condições da própria festa (multidão, barulho, fora a própria condição da penitência, que envolve certo sofrimento ou algum sacrifício para honrar a promessa), este era um tempo considerável, uma vez que realizado o pagamento, a estadia na festa não continuava por muito mais tempo.

3. ETNOGRAFIA DA PESQUISA NA FESTA DO MORRO DA CONCEIÇÃO

Antes de adentrar profundamente na pesquisa, fez-se necessário compreender a metodologia de pesquisa. Ao longo deste capítulo, no entanto, alguns detalhes metodológicos também serão explicitados de acordo com a necessidade do texto.

Festa de 2012 x Festa 2013

Conforme dito anteriormente, fiz minha incursão no campo da Festa propriamente dita durante dois anos diferentes, o que resultou em duas experiências etnográficas totalmente distintas. Apesar de ter nascido em Recife e morar na cidade desde que nasci, nunca havia ido à Festa do Morro, apenas ao Morro da Conceição em situações que não se relacionaram com religiosidade.

O Morro da Conceição é um bairro do Recife, anteriormente ligado a Casa Amarela, mas a partir de 1988 um bairro independente da cidade. De acordo com Moura (2008), o bairro começou a se organizar nos arredores da imagem de Nossa Senhora da Conceição, que aportou no Recife em 1904, em comemoração ao Dogma da Imaculada Conceição. Nossa Senhora é figura importante na cosmologia católica e, conforme destaca Moura:

Diante do seu olhar complacente não há como o fiel deixar de entender que sua matriarca simboliza também a força Daquela que luta contra os agentes do mal. Pensada e executada minuciosamente a fim de atender à representação de seu simbolismo, a imagem de 3.50m de altura, que pesa 1.806kg com sua coroa de pedras, parece nos circundar e observar a todo instante. [...] A impressão que se tem é a de que a imagem fica à destacada distância do chão e tem sua complacente face voltada para baixo, ou seja, para a Terra, para o Morro da Conceição, para a Igreja, os grupos e os fieis. (MOURA, 2008: 33)



Figura 1: Imagem de Nossa Senhora da Conceição decorada durante a Festa do Morro. (Foto: Roberta Rêgo/G1)

Na descrição acima, percebe-se que a imagem de Nossa Senhora da Conceição fica num lugar central do bairro e, durante a festa, ela é o local final da penitência, que começa desde o início da subida que leva à imagem. Numa trilha de mais ou menos 1km (a partir da parada de ônibus mais próxima do início da subida), os fieis escolhem suas penitências e as desempenham no caminho, faça chuva ou faça sol.

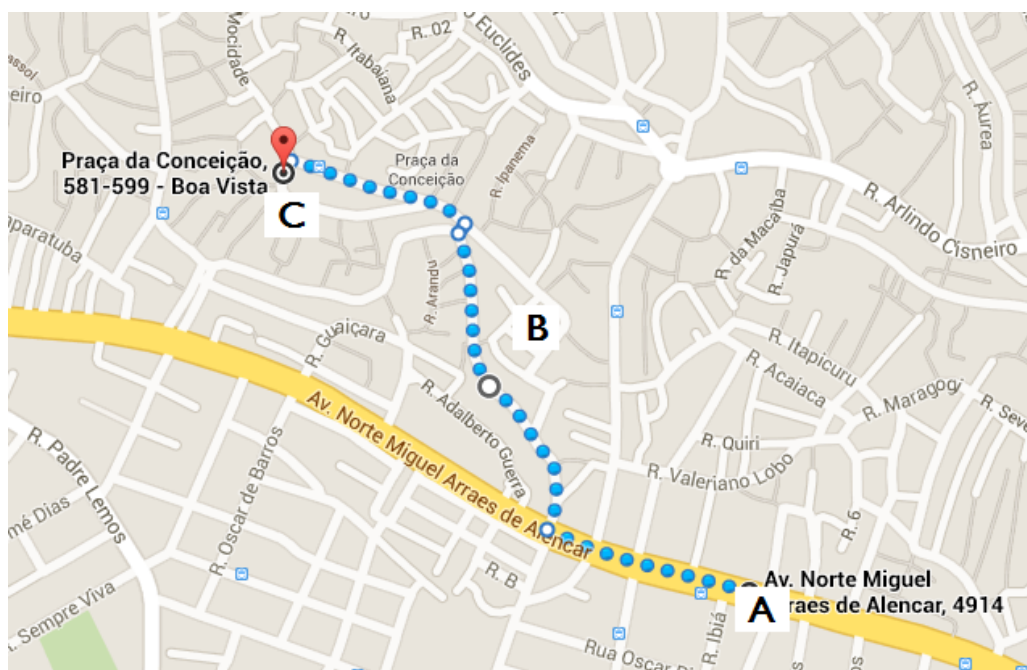


Figura 2: Caminho que o fiel percorre para chegar até à imagem da Santa no dia da Festa do Morro da Conceição. A: Descida do ônibus; B: Subida; C: Imagem da Santa. (Imagem: Google Maps)



Figura 3: Imagem aérea da Praça da Conceição, local central onde acontece a Festa do Morro. A: Imagem de Nossa Senhora da Conceição; B: Catedral; C: Monumento. No lado direito de C na imagem, há o local onde acontecem as missas abertas e as pregações durante a festa. (Imagem: Google Maps)

Durante as duas vezes que fui à Festa do Morro fazer campo para essa dissertação, percorri este caminho, subindo e descendo o Morro, incontáveis vezes, pois a intenção era acompanhar todo o pagamento de promessas das crianças com seus acompanhantes. Algumas vezes, fiz o caminho de volta e durante a primeira festa, um fato interessante ocorreu – Após algumas horas caminhando pelo local, não tinha tido a sorte de achar crianças pagando promessas ainda, apenas algumas muito pequenas, de colo, que não eram o foco da pesquisa. Aos poucos, fui encontrando algumas e abordando seus pais, mas percebi que minha abordagem assustava um pouco. Dizer que era antropóloga fazendo uma pesquisa no Morro da Conceição era algo que não inspirava confiança por parte dos pais e assim, perdi algumas crianças. Já cansada, resolvi sentar na área das missas abertas, para descansar um pouco do sobe-desce, quando o padre responsável pela missa daquele momento, engatou uma homilia dizendo o seguinte:

“Nós precisamos de Jesus Cristo, de Nossa Senhora, pois estamos vivendo num mundo cada vez mais antropológico, onde o homem só pensa em si mesmo em primeiro lugar”.¹⁸

Imediatamente, pensei que minha pesquisa tinha acabado naquele momento, pois na verdade, o padre confundira *antropocêntrico* com *antropológico*. Mas para o momento, isso não importava, ele já havia dito, em outras palavras, essa tal de

¹⁸ Todas as falas transcritas neste trabalho foram transcritas da exata forma que foram ouvidas, a fim de preservar a originalidade.

antropologia e esses antropólogos não eram lá boa coisa. Pensei por alguns minutos e simplifiquei a situação: a partir daquele momento eu comecei a me apresentar como “*pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco*”. A descrição da universidade conferiu legitimidade a minha ocupação e foi com essa descrição que consegui os primeiros contatos mais profundos. Antes disso, apenas tinha observado algumas situações mais rápidas, mas sem oportunidade para uma abordagem mais próxima.

A situação de falta de sorte se transformou numa situação de maior sorte possível. Explico: os fieis não conseguem tocar as pedras que sustentam a imagem da Santa, então, para concluir a promessa, precisam entregar o que querem abençoar aos voluntários, que ficam do lado de dentro do gradeado da imagem. Os voluntários, além de executarem o papel de fechamento do ciclo da promessa, vendem produtos “oficiais” da Paróquia, como CD’s, calendários e camisas, que eles mesmos vestem e servem como identificação. Do lado de dentro, eles recebem os objetos (ex.: chaves de carro ou casa, documentos de carro ou casa, fotos, peças de roupa, objetos pessoais como alianças de casamento, pingentes, terços, entre outros) e os tocam nas pedras da base da imagem, fazendo uma oração e devolvendo o objeto ao fiel. Este mesmo procedimento é adotado pelos voluntários nos casos de pagamento de promessas de crianças.



Figura 4: Imagem de Nossa Senhora da Conceição no Morro da Conceição, Recife-PE. Base da imagem de pedra, onde os fieis levam as crianças/os objetos pessoais para serem consagrados aos pés da santa. Adornado com fitas, está o gradeado que separa a imagem dos pagadores de promessas durante não só a festa, mas todo o ano. (Fonte: Google Imagens)



Figura 5: Sequência de pagamento de promessa I: voluntário do lado de dentro do gradeado levando uma criança para concluir a promessa sob os olhos da mãe. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diário de Pernambuco)



Figura 6: Sequência de pagamento de promessa II: Criança sendo levada à base da Imagem por voluntário da Festa do Morro. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diário de Pernambuco)



Figura 7: Sequência de pagamento de promessa III: Conclusão do pagamento de promessa da criança pelo voluntário. (Foto: Edvaldo Rodrigues / Diário de Pernambuco)

Vou chamar esse processo de *terceirização do pagamento de promessas*, uma vez que o fiel não consegue, ele próprio que fez a promessa, pagar diretamente através do toque. O ciclo só é completo com a participação do voluntário, que toca o objeto, recolhe bilhetes, ouve histórias. No momento em que observei a *terceirização*, ocorreu-me a ideia de ficar junto aos voluntários, mas realmente apenas os voluntários “oficiais” da Paróquia gozavam do direito de ocupar aquele espaço. Foi então que avistei, de longe, uma amiga de infância que estava, coincidentemente, trabalhando de voluntária do lado de dentro da *terceirização*. Aproximei-me dela e expliquei minha situação, pedindo para *passar para o outro lado*. E aí a mágica aconteceu.



Figura 8: Voluntários “do outro lado” enquanto homem amarra fita de promessa no gradeado. (Créditos: Acervo Pessoal/ Paula Neves Cisneiros)

Do outro lado

Agora, além de “pesquisadora da UFPE”, eu estava do lado de dentro da Santa, e isso gerou muitos contatos e numerosas histórias. Estar ali transformou minha presença em legítima, aceita e confiável. Se os voluntários e a Paróquia confiavam em mim, por que o fiel não confiaria? E isso mudou totalmente o rumo do campo naquele dia. Quando um adulto se aproximava com uma criança para concluir o seu ciclo da promessa na imagem, eu o abordava após a conclusão, conversava, dava meus contatos e me despedia. O que as outras pessoas viam

era uma pessoa com um bloco, caneta, muito curiosa e perguntando bastante – o natural era que pensassem que eu era jornalista. Frequentemente ouvi “ei, você não quer ouvir minha história não?!”. Além de profissionalmente ter sido muito enriquecedor, pessoalmente foi uma experiência única. A efervescência coletiva, como já diria o clássico Durkheim, latente e óbvia naquele ambiente me levou junto com ela a tomar atitudes como escrever pedidos das pessoas nos meus blocos e entregar aos voluntários, pois eram tantos fieis que os voluntários não davam conta de escrever os pedidos pessoais para consagração, então, terminei por desempenhar esse papel enquanto não tinham crianças chegando para pagar a promessa.

Refletindo sobre esse momento enquanto lia o diário de campo, pensei ter cruzado a linha da pesquisa a partir do momento que anotei os pedidos e intenções, mas na verdade, percebi que precisava desempenhar essa multifunção enquanto estava do lado de dentro, como forma de agradecimento por poder estar lá e também como forma de respeito aos fieis, que realmente não sabiam quem eu era e porque eu tinha o “privilegio” de estar ali dentro. Enquanto *do lado de dentro*, ouvi muitas histórias que ilustram as promessas com crianças no Morro da Conceição. Sobre isso, algumas considerações: a) das vinte crianças que obtive contato, apenas uma fez a promessa espontaneamente, o restante pagava a promessa que seus pais tinham feito enquanto elas eram bebês; b) dentre as promessas mais comuns, a que se destacou visivelmente e nas conversas com os penitentes foi o “vestir azul”, subir o morro e entregar a vestimenta aos voluntários, além da promessa de não cortar os cabelos até os sete anos; c) sobre os sete anos, esta era a duração da maioria das promessas que os pais faziam para seus filhos; d) as crianças, apesar de não parecer para quem observa de longe, tinham participação ativa durante o pagamento das promessas. Ilustrarei esses tópicos na próxima seção, descrevendo os casos de cada uma das crianças que decidi aprofundar o contato durante a festa e nas entrevistas.

Durante a observação participante das festas, foi possível identificar vários tipos entre as crianças que participavam da festividade. A presença das crianças na festa não se dá apenas para pagar promessas feitas por terceiros ou por elas mesmas, muitas vão acompanhando outras pessoas ou até mesmo moram no

bairro e participam da festa apenas no parque. O parque não fica na parte “sagrada” da festa e sim, antes da subida do Morro, na parte “profana”. Essa parte, além do parque, tem barraquinhas onde são vendidas bebidas alcóolicas, mesas para jogar dominó, entre outras diversões. É comum ver os fieis descendo do alto do morro, principalmente à noite, e parando nessa parte.

Voltando às crianças, podemos classifica-las em: As penitentes ou pagadoras de promessas; Os participativos da Igreja (coroinhas e ajudantes nas missas); Os brincalhões (que iam à festa apenas para se divertir com os pais/responsáveis); Os compulsórios (que estavam participando da festa a contragosto, eventualmente chorando ou reclamando com os acompanhantes). Elas completam o cenário da festa e quase sempre estão em posição de destaque por serem crianças num contexto religioso, sejam elas penitentes ou brincantes. O sentimento que apreendi enquanto observando era de admiração das crianças que participavam da festa por parte dos adultos, principalmente as penitentes, por estarem trajando vestimentas específicas ou “se comportando muito bem” diante de uma situação “sagrada”. Compreendo esse orgulho dos adultos em relação às crianças como uma legitimação de seus comportamentos, performados em sintonia com a expectativa, como foi o caso a seguir.

Alexandre¹⁹ e uma agência chamada recompensa²⁰

Ainda no primeiro ano de campo, antes de passar para *o outro lado*, deparei-me com uma situação onde, sem saber, vislumbrei toda a dinâmica que perseguiria a pesquisa ao longo daquele dia, das entrevistas e do ano seguinte. Iniciei a incursão em campo já antes da subida ao Morro, quando procurei me aproximar de uma avó que caminhava com seu neto de sete²¹ anos, em direção à parada do ônibus para ir à Festa do Morro. Foi fácil identificar que estávamos indo para o mesmo lugar, pois ambos vestiam branco e levavam fitas de Nossa Senhora da Conceição, que seriam amarradas aos braços quando chegassem

¹⁹ Todos os nomes aqui citados são fictícios a fim de preservar a identidade das crianças e seus responsáveis.

²⁰ Decidi não especificar em qual das festas que fui encontrei as crianças porque, para chegar às conclusões desse trabalho foi preciso utilizar as informações que obtive durante as duas festas, que foram complementares.

²¹ Descobri durante a conversa que Alexandre tinha essa idade. Esse relato foi referente a uma observação muito longa porque nossa entrevista durou muito tempo, de modo que não senti necessidade de buscar um contato posterior com a avó de Alexandre por ter respondido às minhas questões de pesquisa durante esse tempo juntos.

perto da Santa, no alto do Morro. Senti-me profundamente encantada por aquela criança que, caminhava de braços dados com sua avó e possuía uma expressão séria. A avó estava de pés descalços e dividia o calor nos pés com o pequeno penitente. Desde que ele completou dois anos que ambos vão juntos para a festa e à medida que o tempo foi passando, parece que passaram a dividir o peso da promessa que caleja. Os motivos da promessa de Alexandre foram relatados pela avó, que disse que ele pedia “para passar de ano e ser bom menino durante o ano todo, não dar trabalho aos pais”. Alexandre confirmava as falas da avó e falou pouco durante o trajeto do ônibus até o local de pagamento da promessa, que consistia em percorrer o caminho descalço juntamente com sua avó e rezar aos pés da Santa. Fingi não saber o caminho até a santa para que fosse guiada por eles e assim, ouvisse Alexandre relatar um pouco mais de sua experiência como penitente. Sem reclamar nenhuma vez dos pés no chão, ora de terra, ora de asfalto, o calor castigou cada um dos fieis que foi honrar sua promessa no alto do Morro da Conceição. Alexandre suava, e só soltava a mão de sua avó para enxugar as gotas de suor que molhavam as vestes brancas. Ao passar por um pedinte, ele olhou para a avó com um olhar que só entendi quando ela depositou em suas mãos alguns centavos, que ele repassou para o pedinte. “Caridade é importante”, disse ela, explicando a Alexandre que este era um ato cristão e justificando para mim o porquê de ter dado dinheiro. Notei que a comunicação do neto era basicamente através de olhares e sorrisos tímidos. Perguntei-lhe se gostava de ir à festa e ele disse que Pouco mais de dez minutos que estávamos juntos subindo o morro, Alexandre puxa a blusa da avó, olha para ela e pergunta: “Quando é que eu vou ganhar a minha bola?”. A avó responde: “Quando a gente acabar aqui”. Neste momento, perguntei por que ele queria ganhar uma bola e ele respondeu “Sempre que eu venho, eu ganho uma bola”. Tal relato foi um tanto revelador para a pesquisa como um todo, pois, a criança que a princípio se portava, através de suas ações, como sendo levado pela avó/ sem voz, por não responder diretamente às minhas perguntas, mostrou-se um menino autônomo, que negociou suas possibilidades de ação com a avó. “Sempre que eu venho, eu ganho uma bola” – Se não houvesse a bola ao final do ciclo da promessa, Alexandre não iria querer ir à Festa pagar a promessa que sua avó disse ter sido prometida por ele mesmo.

Neste momento, pude compreender que o pagamento de promessas, para Alexandre tinha a dimensão lúdica da brincadeira, de assumir um papel de agradar a avó para depois ganhar o seu agrado. Foi a partir deste dado etnográfico que a penitência infantil se desenhou para mim de uma forma além do sofrimento, onde a criança re-significa o ato de sofrer para sua realidade de brincadeira, mas ainda assim respeitando a expressão correta da penitência, numa confluência do que Mauss (1979), no seu “Expressão Obrigatória dos Sentimentos” descreve como a forma de expressar o luto através do choro e aqui eu descrevo uma situação análoga da forma de expressar o sofrimento através da seriedade e da mensagem que o corpo emite ao vestir-se de branco e se autoflagelar com os pés descalços. Mas tudo isso, para Alexandre, possuía um significado diferente do imaginado pelo adulto que observa. Entra em cena a autonomia infantil, discutida por Cohn (2010) e demonstrada através da negociação do menino – Alexandre ganhou a bola.

A figura abaixo ilustra o que chamo aqui de “ciclo da penitência”, onde 1) o pai/responsável faz a promessa diante de algum fato em que sente a necessidade de conexão com o sagrado, geralmente para a resolução de problemas referentes à criança, 2) A criança é levada pelos pais e, quando tem idade para compreender o que acontece, recebe a notícia de que deve ir ao Morro pagar a promessa, 3) A criança vai pagar a promessa mediante uma 4) recompensa. Essa recompensa é dada de acordo com uma negociação entre as partes.

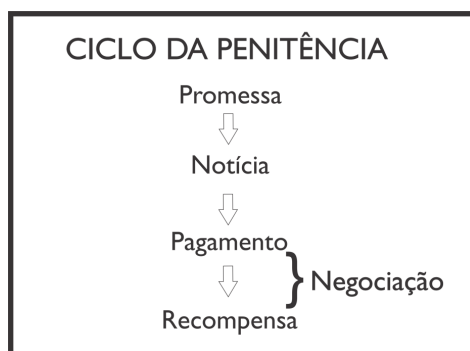


Figura 9: Ciclo da penitência mediante negociação das partes. (Créditos: A autora)

Ilustro esse ciclo por ter sido um fenômeno constante durante as conversas com as crianças na pesquisa. As crianças “prometidas” sempre regulavam o nível de agência e performatividade do pagamento de promessas através da negociação

de recompensas. No caso acima, uma bola, em outros casos, outras negociações.

Carolina e o orgulho da penitência

Acredito estar no caminho para provar que as crianças têm, sim, um grau de agência na penitência, mesmo que elas não tenham feito a promessa. Seja através da negociação ou da ressignificação.

Na primeira parte dessa dissertação, mencionei o caso de Carolina, que aos sete anos possuía cabelos na cintura, jamais sequer aparados, em virtude de uma promessa feita por sua mãe durante a gravidez. Entrevistando sua mãe, a mesma me explicou que a gravidez difícil após sucessivos abortos fez com que ela e o esposo optassem por consagrar a gravidez à Nossa Senhora da Conceição, na esperança de gerar um filho com saúde. A promessa consistia em deixar o filho ou filha com os cabelos sem cortar por sete anos. Esta promessa muito me interessava antes de ir a campo, pois, é uma condição que a criança não pode esconder na sua rotina. Interessei-me bastante em descobrir como essa condição tinha sido apresentada à criança e qual foi o grau de negociação dela com os pais. No entanto, Carolina foi uma criança muito feliz com seus cabelos longos e negros. Frequentemente associava-os às princesas da *Disney*, inclusive dizendo que suas colegas na escola queriam deixar os cabelos crescer por causa dela. Carolina tinha cabelos grandes e de aparência saudável, e isso me fez pensar se ela tivesse nascido menino, como seria a relação dele com a questão da masculinidade e a relação dele com sua rotina e seus amigos. É fato que essa penitência, para meninas, torna-se mais “fácil” devido à normatividade estética ocidental mais comum de “cabelos longos pertencerem a mulheres”, especialmente quando se fala a respeito de crianças.

Durante a festa, Carolina não vestia azul e, na verdade, ia todos os anos com os pais para o Morro da Conceição, mas não precisava ir. Segundo a mãe, Carol ia à festa porque gostava e porque era o momento de ela agradecer também. Meu encontro com o trio (Carol, pai e mãe) foi acidental e feliz. Já indo embora, avistei os três de mãos dadas, subindo o Morro quando eu já estava descendo para encerrar o expediente do dia. A alegria daquela menina me cativou e eu fui impelida a segui-los e tentar uma abordagem. Não me pareceu

um pagamento de promessa, pois eu estava imersa na ideia de promessa relacionada diretamente com o sofrimento ou com a performance dele, de acordo com o que coloca M. Mauss. Ainda assim, segui a vontade que surgiu e descobri que era sim, uma penitência.

O pagamento da promessa de Carol foi um pouco diferente do das demais crianças que encontrei durante a pesquisa. Consistiu em ir até a imagem, rezar uma Ave-Maria de mãos dadas com os pais e acender uma vela numa das laterais da imagem. A menina seguiu todos os passos “como manda o figurino”, sempre sorridente e olhando em volta. Quando recebia um sorriso, retribuía a atitude, aparentando estar feliz. Seguindo o curso, conversamos sobre a decisão da promessa e como era ter um cabelo tão grande na escola. “Rapunzel” era um apelido que tinha sido lhe dado e que lhe deixava sim, muito orgulhosa. Mas havia algo que tirava o sorriso de Carolina do rosto.

Durante o acendimento da vela, houve o seguinte diálogo:

“Este é o último ano que Carol vem à Festa com o cabelo grande. Ano que vem, nós vamos vir pra entregar o cabelo à Nossa Senhora. Não é, Carol?”

Então Carol, visivelmente contrariada, disse:

“Mas mãe...”

Interrompendo a menina, a mãe disse:

*“Carol, o cabelo não é seu, é de Nossa Senhora. **Se é promessa, tem que cumprir.**”*

Carolina, então, que passara sua vida inteira exibindo as longas madeixas orgulhosamente, se viu diante de mais uma situação de não-escolha, com a diferença que na primeira vez, ela passou por um processo de ressignificação onde, sua posição compulsória de penitente resultou em motivo de orgulho para ela e seus pais. Agora, em situação diametralmente oposta à primeira, Carolina terá que passar por uma nova situação de ressignificação do estado de seus cabelos²². O que chamou minha atenção na fala da mãe da Carolina foi que a invocação da **promessa** no momento da justificativa encerra o diálogo e uma

²² Até o fechamento do campo dessa pesquisa, ainda não tinha chegado o momento de Carolina cortar os cabelos. Ciente da importância desse momento para a vida da garota e sua família, pretendo, em trabalhos futuros, retomar o contato para uma outra entrevista, onde, uma vez encerrada a dívida da promessa, compreender qual o local da penitência terminada na constituição da criança.

possível negociação de Carolina. Sendo assim, resta apenas a ela ressignificar seu novo estágio, de criança que saldou a sua dívida e de sua família com Nossa Senhora da Conceição.

Vitória e a gratidão

Avistei de longe na subida do Morro da Conceição uma mãe e sua filha, caminhando devagar em direção à Santa. Antes de pensar em me aproximar, notei que a menina era tímida, pois se enroscava nas pernas da mãe durante o trajeto, evitando os sorrisos dos fieis que desciam de volta às suas casas. Usando um vestido azul de cetim e mangas longas, cabelos amarrados e chinelos. Notei que ela pedia à mãe para subir em seu colo, afinal, o sol de meio dia não tem piedade de ninguém. Decidi acompanhar de longe o trajeto até o pagamento da promessa. Assim avistei Vitória e Joana a primeira vez.

Quando chegaram na imagem, Joana sussurrou para Vitória “*Se comporte*” e entregou sua filha a uma voluntária. A partir daí, Joana começou a chorar e rezar, muito emocionada por ver sua filha aos pés da santa. Durante o pagamento da promessa, Vitória frequentemente desviava o olhar do que estava realmente fazendo e buscava aprovação no olhar da mãe, que concedia através de sorrisos. Durante toda a conclusão da promessa, Vitória e Joana entendiam-se através de olhares que eu tentava decifrar de longe. Ao terminar o pagamento, Joana tirou o vestido da filha e entregou ao voluntário, que juntou o vestido de Vitória aos demais. Essas situações eram particularmente delicadas para mim porque diversas vezes o pagamento de promessas é um momento muito pessoal, onde o penitente²³ tem de lidar com o sentimento que o levou a fazer a promessa, que geralmente é um momento de sofrimento ou difícil, mas certamente emocionante, que o enche de gratidão no momento do pagamento da promessa. Após vestir Vitória com outra roupa, Joana foi abordada por um repórter de televisão local, que passou na minha frente, mas que me deixou mais uma oportunidade para observação. Joana, fortemente emocionada, respondeu à pergunta se vinha todo ano e o que achava da festa mais ou menos assim: “Venho todos os anos, tenho muita fé e devo a vida da minha filha a Nossa Senhora da Conceição”. O repórter, satisfeito, perguntou da importância da festa para a cidade e Joana mal conseguia

²³ E nesse caso o penitente é um conjunto da criança + quem fez a promessa.

responder, apenas agradecia a vida da filha e dizia que a festa tinha que continuar.

Quando o repórter saiu, tentei me aproximar sorrindo. Ao ver meu sorriso retribuído, cheguei junto para conversar sobre o que tinha acontecido. Conversamos alguns minutos e depois tentei conversar com Vitória que, muito tímida, só observava. Joana me explicou que vem todos os anos agradecer pela vida da filha, que nasceu prematura e então, ao descobrir que Vitória tinha 5 anos, pedi permissão para entrevista-la em outra ocasião por me parecer uma história interessante e ver que a menina, tão nova, desempenhava seu papel com maestria e “bom comportamento”.

Um tempo depois, marcamos uma entrevista. Tive que ir mais de uma vez para que Vitória falasse comigo. Pesquisa com crianças exige, acima de qualquer coisa, muita paciência para respeitar o ritmo exigido pelo interlocutor. Vitória foi a criança que me proporcionou um maior contato com sua mãe, que tinha muito orgulho da biografia de toda a família que, coincidentemente, era uma família de romeiros. Vitória já havia ido, inclusive, para Juazeiro do Norte – CE, onde sua mãe também agradeceu por todas as graças e promessas que tinha feito ao longo dos anos. A própria Joana foi uma criança penitente:

“Quando eu tinha oito anos, minha mãe fez uma promessa pra Padinho Ciço porque eu tinha muita dor de cabeça. Chorava mesmo, todo dia e minha mãe não sabia mais o que fazer. Mainha conta que quando me levou lá em Padinho, ela rezou junto com os outros romeiros e aí eu comecei a melhorar.”

A penitência na família de Vitória vem de berço. É um estilo de vida – seu avô conheceu sua avó há mais de 40 anos, durante as romarias para o Juazeiro. Sua bisavó era beata de Padre Cícero, segundo Joana. Compreendo então, que recorrer à promessa diante de uma situação “de provação” é algo “natural” dentro dessa família. Joana contou que Vitória nasceu com aproximadamente 1kg e ficou três meses internada na UTI de um hospital público na zona norte da cidade. Quando perguntei o momento em que decidiu fazer a promessa, Joana contou que, numa das noites em que estava embalando a (literalmente) pequena Vitória nos braços, olhou pela janela da UTI e viu a imagem de Nossa Senhora da Conceição acesa no Morro. Naquele momento, Vitória iria passar por uma cirurgia e estava sem conseguir respirar sozinha. Joana não sabe explicar bem o que

prometeu naquele momento, mas pediu que sua filha saísse com vida da maternidade e ela voltasse pra casa com ela nos braços.

Joana disse que, no outro dia, Vitória não precisou mais da ajuda dos aparelhos, não precisou de cirurgia e dentro de uma semana foi liberada para ir pra casa, pela primeira vez em três meses. Certa da obra de Nossa Senhora da Conceição no acontecido, Joana e Vitória foram para suas casas e só começaram a pagar a promessa quando Vitória completou 3 anos – segundo sua mãe, antes disso não tinha liberação médica para que a pequena enfrentasse as condições da promessa – este foi um momento de negociação da promessa com Nossa Senhora, que, segundo Joana, “entende dessas coisas porque é mãe”.

Quando finalmente consegui me aproximar de Vitória após assistir alguns filmes com ela e deixa-la usar o gravador como gravador de suas músicas preferidas, descobri que o jeito de fazer a pequena me contar sobre sua experiência era pedindo que ela descrevesse as fotos que sua mãe estava mostrando:



Figura 10: Vitória saindo para a festa do Morro de 2013.



Figura 11: Vitória e seu pai indo para a festa do Morro de 2013. (Créditos: Acervo Pessoal)



Figura 12: Vitória e seus pais após o pagamento da promessa de 2013²⁴. (Créditos: Acervo pessoal/Família de Vitória)

Durante a descrição das fotos, Vitória exaltava o vestido, que era bonito. Pedi que ela me contasse como eram os dias em que tinha que ir à Festa do Morro. Entre músicas e orações (que de vez em quando sua mãe passava e pedia que ela recitasse), Vitória disse que eles iam para o Morro, rezavam e depois iam lanchar no shopping e jogar no *Game Station*²⁵.

Ela era a primeira criança de cinco anos que eu entrevistara durante a pesquisa e, descobrir que ela negociou com seus pais a ida ao Morro, me surpreendeu. E ela continuou: “*Porque cansa*”. O que cansava era a subida, a reza e tudo mais que representava o pagamento da promessa. Aprofundando a conversa, pedi que me dissesse o que ela fazia quando estava nos braços da voluntária e ela disse que “esperava” e “rezava o que mamãe ensinou”. Sei que a reza que ela estava se referindo não era uma reza em voz alta, uma vez que eu a tinha visto desempenhar a promessa e a pequena ficava em silêncio. Vitória, apesar de jovem, já compreendia que precisava ter um comportamento

²⁴ Optei por, quando as fotos fossem de crianças que entrevistei, ainda que com a autorização de divulgação de imagem, por motivos éticos de pesquisa com crianças, não divulgar seus rostos. As fotos anteriores que mostram os rostos das crianças foram extraídas de jornais locais, portanto, já são públicas.

²⁵ O *Game Station* é uma loja de jogos eletrônicos presente em todos os shoppings centers de Recife.

considerado correto naquele meio, definido desde casa, quando seus pais e seu avô lhe disseram como agir.

Dessa forma, é possível inferir que Vitória desenvolveu uma agência que se encaixa no que David Oswell (2013) caracteriza como competência social²⁶, caracterizado como uma negociação dinâmica, uma vez que seu poder de barganha junto à família em situações aparentemente imutáveis, é forte. Corroboro minha afirmação com o fato de que Vitória descreveu o que mais gostou de sua viagem a Juazeiro do Norte – CE: o parquinho. A menina disse que a mãe a deixava ir brincar no parque depois que eles “passeassem perto das pessoas e da estátua”. Este “passear” é justamente a romaria, que sua mãe e avós vão todos os anos. Apesar da idade, Vitória mostrou-se ativa em suas decisões e preferências, dando uma abordagem criativa à situação, o que não significa dizer que ela está construindo uma cultura própria, mas sim, uma janela de criatividade, uma abertura de autonomia dentro da cultura adulto-controlada (OSWELL, 2013).

No entanto, essa história ainda tem um desenrolar muito grande, uma vez que Joana não especificou, durante a promessa, por quanto tempo seria realizada a penitência. Isso dá mais espaço ainda para que Vitória negocie com seus pais e para que Joana negocie com Nossa Senhora, de novo.

Arthur, a independência e o orgulho de sua mãe

Arthur, doze anos, não foi uma criança prometida, mas certamente é uma promessa para sua mãe, que durante a Festa do Morro não conseguia esconder o quanto estava orgulhosa de ver seu filho seguindo um caminho trilhado por ela. Ele não nasceu *prometido*, ele foi prometido ao longo de sua infância, quando, por ocasião de um acidente, precisou passar por diversas cirurgias nos pés. Ainda criança, por volta dos seis anos, sua mãe fez a promessa a Nossa Senhora da Conceição, pedindo pelo estado dos pés do filho, que continuavam se submetendo a cirurgias e tratamentos. Após isso, Maria, a mãe, relacionou a cura do filho a um milagre feito por Nossa Senhora da Conceição. Desde então, mãe e filho vão todos os anos levar um ex-voto em forma de pé até o Morro da Conceição.

²⁶ Tradução livre do descrito no primeiro capítulo “social competence”.

Da cura até os dias atuais já se passaram seis anos. A promessa de Maria não tinha data certa para terminar, mas ela disse que seria algo até “*mais ou menos os dez anos*”. Esse poderia ter sido mais um caso corriqueiro na minha busca durante a festa, no entanto, enquanto eu conversava com os dois, Arthur disse algo que chamou minha atenção:

*“Esse ano também tô vindo porque **pedi** para passar de ano”*

Maria, orgulhosa, emenda:

“Ele me perguntou como se fazia uma promessa e eu expliquei pra ele que era só fechar os olhos, pedir com muita força e jurar que iria pagar depois. Eu ensinei pra ele desde pequeno que com fé a gente consegue tudo na vida.”

Essa entrevista foi uma das mais interessantes de toda a pesquisa por ter sido Arthur a única criança que encontrei que fez uma promessa espontaneamente e que, também espontaneamente, dividiu isso comigo na ocasião de sua entrevista. Perguntei então como Arthur tinha feito a promessa depois das lições com sua mãe, e foi aí que ele disse que “*conversei com Nossa Senhora e disse a ela que se ela me ajudasse a passar de ano, eu viria com Mainha pro Morro de novo, mas eu ia ir pra agradecer por isso também*”. Arthur passou e foi agradecer. Perguntei se ele faria outra promessa de novo e ele disse que sim, que acreditava que tinha sido por causa da ajuda de Nossa Senhora da Conceição que tinha conseguido passar do sétimo para o oitavo ano.

Também de família católica, Maria contou que veio de uma família católica tradicional e que, foi criada indo para a igreja aos domingos. E embora nunca tenha pagado uma promessa, quando criança acompanhava as procissões da Festa do Morro da Conceição e cresceu nesse ambiente religioso, que legitima a penitência. Quando se sentiu sem saída, entregou a Nossa Senhora a saúde do seu único filho. Arthur aparentava estar à vontade na Festa, um ambiente o qual conhecia muito bem.

À primeira vista pode-se pensar que Arthur conseguiu sobrepor sua vontade à vontade de sua mãe, mas na verdade, a agência de Arthur é derivada de um comportamento inserido em sua vida por Maria, sua mãe, quando mais novo. Mesmo assim, a história dele é interessante em duas frentes: a decisão própria e espontânea de fazer uma promessa e sua postura passiva quando

informado que teria que cumprir uma promessa feita por sua mãe. Por “passividade” refiro-me a um comportamento pacífico e não-questionador diante de situações impostas sem maiores explicações. Maria conta que informou ao filho que eles teriam que ir para a Festa do Morro da Conceição “*visitar Nossa Senhora para agradecer pelo seu pezinho*”, que Arthur disse que lembra que entendeu ser uma coisa boa. Sem negociações ou ressignificações, a penitência de Arthur foi compulsória, mas bem recebida. Este foi um caso isolado onde não houve performance da penitência para cumprir um papel, e sim, a penitência foi de fato realizada pela vontade própria do pagador da promessa, nesse caso, a criança.

Arthur compreende a relação entre o fiel e o sagrado, muito por causa de sua idade e da inclusão da penitência na sua rotina tardiamente, quando comparado com outras crianças dessa pesquisa. Uma possibilidade de ação de Arthur seria uma recusa a desempenhar o papel de pagador da promessa de sua mãe, uma vez que ele já tinha seis anos e capacidade para expressar seus gostos e vontades, e ainda assim, a explicação de sua mãe foi suficiente para que ele aceitasse e desenvolvesse uma experiência positiva ao longo dos anos enquanto menino penitente. No ano em que os conheci e Arthur tinha feito a própria promessa, ambos levavam o ex-voto em forma de pé ainda, mas o foco era ensinar a criança a pedir e pagar corretamente sua promessa.

Essa é mais uma agência infantil, dessa vez, regulada porque compreende a vontade própria do sujeito, mas dentro do conjunto de regras da cultura adulta, que determinam seu limite de ação dentro da situação.

Marcelo e a autorização

A autorização dos pais era um ponto extremamente importante. Escolhi o caso de Marcelo para ilustrar brevemente, como o caso de Vitória, a busca pela aprovação das atitudes dos filhos pelos pais/responsáveis na performance da penitência. Marcia não era a mãe de Marcelo, mas prometeu a Nossa Senhora da Conceição que se o sobrinho nascesse com saúde, o levaria todos os anos para a Festa do Morro com roupas azuis e touca branca, para agradecer por sua vida, até que ele completasse sete anos. No ano em que os conheci, era o último ano da promessa.

Marcia conta que sua irmã, a mãe de Marcelo, não é uma pessoa religiosa e que, quando viu que a irmã começara a enfrentar problemas na gestação do seu primeiro sobrinho, decidiu se entender com Nossa Senhora da Conceição. Mesmo sem pedir permissão direta à irmã para levar o sobrinho que ainda nem tinha nascido, Márcia me contou que esta era a coisa certa a fazer, pois ela tinha uma relação muito próxima com a Virgem da Conceição e sabia que iria resolver o problema. Ela apenas contou à irmã de sua promessa quando segurou o sobrinho em seus braços pela primeira vez.

Com o aval da irmã, desde meses de idade que Márcia sobe o Morro com Marcelo vestido de azul. Marcelo disse que *“é bom vir porque minha tia fica feliz que Nossa Senhora vai me proteger”*. Quando eu o perguntei sobre o que ele fazia quando chegava lá na pedra da Santa, ele disse:

“Eu rezo. Né, tia?!”

O discurso de Marcelo revelou uma ação pautada nas orientações que havia recebido de sua tia durante os momentos precedentes à festa e também durante a própria festa. Enquanto subíamos o Morro juntos, Márcia explicava ao sobrinho que ele só estava conseguindo subir o Morro pela força que Nossa Senhora estava lhe dando.

“Olhe, meu filho, graças a Nossa Senhora da Conceição que você tá aqui hoje, você lembra disso, num lembra? Agora vamo rezar uma Ave Maria. Ave Maria...”

Marcelo endossava a reza olhando sempre para a tia e muito pouco para mim. Foi aí que fui convidada a rezar também.

“Tu não vai rezar não?”, perguntou-me Marcelo

“É pra eu rezar? Por que?”

“Tia, quem sobe o Morro num tem que rezar?”

“Muito bem, meu amor”

E foi aí que eu rezei. Percebi que o fato de saber a oração me abriu portas na conversa com essa dupla, que foi bastante longa e interessante cheia de histórias sobre a família. Hoje em dia, Márcia é a única de seus três irmãos e dos seus pais que ainda frequenta a igreja católica, tendo a família quase inteira se convertido à

Assembleia de Deus, com exceção da irmã mãe de Marcelo. Temendo que o sobrinho se convertesse para alguma religião que não a sua, Márcia faz questão de sempre leva-lo consigo às missas de domingo e de reforçar a importância de sua promessa pra Marcelo.

Ele me contou que gostava de ir à Igreja e à festa, mas que a roupa incomodava um pouco. A tia riu e ele justificou dizendo que *“eu tiro rápido e depois boto roupa normal”*. Com a permissão deles, os fotografei no exato momento do pagamento da promessa:



Figura 13: Marcelo, com sua tia Márcia, esperando pelo voluntário que o passaria para o lado da Santa. (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros)



Figura 14: Marcelo buscando o olhar de aprovação da Tia durante o pagamento da promessa (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros)

Esta exposição interessa principalmente por exemplificar, dessa vez uma postura de aceitação durante a vigência da penitência, ainda que haja espaço para que a criança expresse seus desejos e suas opiniões sobre a promessa. Marcelo demonstrou aqui o comportamento ideal esperado pelos pais/responsáveis, por não exigir recompensa, não negociar sua participação e compreender a responsabilidade que carregava pelo cumprimento da penitência.

Alguns casos especiais durante a observação

Ladeada por seus pais, uma menina vestindo roupas casuais: bermuda jeans, camiseta com a estampa de Nossa Senhora (igual a dos pais), boné, tênis e sendo orientada na compra de fitas de promessa e uma vela na subida do morro. Essa é uma cena comum de ver durante a festa: famílias vestindo uma mesma camiseta, que eles mandam fazer em serigrafias especializadas para expressar a fé por Nossa Senhora da Conceição. Também há faixas, cartazes e outras expressões populares ao longo da subida e no pátio²⁷.



Figura 15: Vendedor ambulante de artigos religiosos e de promessa. Este estava próximo à Santa, mas Cecília se aproximou de um vendedor como este na subida. (Créditos: Acervo Pessoal/Paula Neves Cisneiros)

O comércio durante a Festa do Morro da Conceição é algo que também chama muito a atenção. Desde artigos religiosos a comida, na parte superior da festa (a parte “sagrada”) há vários tipos de serviços montados em barraquinhas pela própria Prefeitura. Há pessoas que participam da festa como vendedores há mais de trinta anos, conforme conversei informalmente com alguns. Já o comércio

²⁷ Ver Figura 3, na indicação de área “C” – pátio.

na parte inferior da festa (parte “profana”) envolve bebidas alcóolicas, CD’s e DVD’s “piratas” (gravados e comercializados ilegalmente). Também é nessa área onde acontecem shows de música popular durante os dias de realização da Festa, mas independentes da programação da Paróquia do Morro da Conceição. Durante a festa, enquanto não está havendo missa dentro da Catedral (que é ouvida por todo o Morro porque é transmitida por alto-falantes), avisos são dados a respeito dos produtos “oficiais” da Festa: calendários custam R\$2,00, CD’s custam R\$10,00 e a camisa que os voluntários usam, custa R\$20,00. Chama a atenção o fato de que quando as pessoas se aproximam do gradeado (e de assim concluir seu pagamento), há voluntários com produtos passando pelo “lado de dentro”, enquanto as pessoas, após pagarem suas promessas ou simplesmente pedirem suas bênção a Nossa Senhora, podem comprar os produtos. Observei que algumas pessoas sentiam-se desconfortáveis e incomodadas com isso durante o tempo em que ficavam próximas ao gradeado e, embora não seja o foco dessa pesquisa, este é um ponto que interessa bastante. Como tudo o que estava “do outro lado”, era legitimado pela “autoridade” da paróquia, portanto, inquestionável. Não vi em nenhuma situação, algum fiel reclamar com os voluntários ou, já longe da imagem de Nossa Senhora da Conceição, falar sobre o que ocorria.

Mas o que mais chama atenção no comércio são os produtos voltados para crianças – bolas, balões, brinquedos. As roupas que os pequenos penitentes usam não são vendidas durante a festa e geralmente são feitas por pessoas da comunidade do Morro da Conceição, indicadas pela paróquia e que, diga-se de passagem, confeccionam as roupas como parte do cumprimento de alguma promessa e não há custo pela costura das peças, o penitente deve levar o tecido e a costureira faz a roupa. Há também casos onde as costureiras estão no próprio bairro da criança que paga a promessa. Muitas vezes, a comunidade católica do bairro organiza uma espécie de “excursão” para ir à festa com as crianças do bairro que estão prometidas à Santa.

Há também diversas ações de publicidade acontecendo durante a festa, como por exemplo, distribuição gratuita de chips de telefone celular de uma operadora nacional. Enquanto nas lojas o mesmo produto custa R\$10, dando o

número do CPF num *stand* da operadora, o fiel poderia adquirir o mesmo produto sem custos. A dimensão econômica da festa é maquiada com falas dos voluntários de “Deus te abençoe”, “Que Nossa Senhora te guarde”, etc. O apelo com crianças que estavam indo em direção ao pagamento de promessas também era grande, uma vez que os vendedores (voluntários ou não) chamavam “os anjinhos” para querer uma bola. Toda essa esfera de consumo que envolve a festa, além da dimensão espiritual, pode ser compreendida como um agente influenciador das atitudes infantis durante a festa, que em casos de negociação com seus pais/responsáveis, utiliza-se dos recursos disponíveis na festa para barganhar sua participação e comportamento durante o evento.

Também abordei muitas crianças durante a festa que pensei estarem pagando promessas, quando na verdade estavam apenas acompanhando seus familiares que estavam pagando promessas. Compreendo a festa então, como um local de socialização, onde as crianças veem um momento de passarem um tempo com seus familiares, muitas vezes levando até amigos para aproveitar o dia. As crianças que não estavam pagando promessas subiam o Morro da mesma forma que as penitentes, no entanto, é importante destacar que, uma vez que estavam em situações diferentes, a performance do momento era também diferente.

A criança penitente carrega uma responsabilidade em suas ações que passam pela sua expressão facial – não é o momento de brincar – até a contenção das falas durante o pagamento de promessas. “Existe hora para tudo” era algo comumente enfatizado pelos pais para alertar as crianças que aquele era, para eles, um momento de respeito e introspecção. Diversas vezes, a criança não entendia que tinha sido prometida ou que, para quem fez a promessa, Nossa Senhora salvou sua vida, mas compreendia a importância do momento para os pais e via quanto tempo eles tinham se dedicado a construir as peças que se encaixariam perfeitamente naquele momento. Destaco que o “não entender que tinha sido prometida” não significa que a criança não tenha compreensão das coisas, mas significa afirmar que ela não compreende o momento na lógica adulta, significando de forma lúdica e demonstrando total domínio do aparato de regras e normas sociais ao desempenhar seu papel de forma excelente. Não vi

uma criança pagadora de promessa sequer reclamando ou se comportando de forma considerada inadequada para a festa pelos seus responsáveis.

Como forma de iluminar essa discussão, destaco o trabalho de Pierre Bourdieu, que ao pensar sobre a ação humana, formulou diversos conceitos que transitam entre as áreas das ciências sociais. Dentre eles, pode-se destacar a noção de habitus, presente em grande parte de sua obra, podendo defini-lo como:

“Um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por estes resultados” (Bourdieu, 1972 apud Miceli, 1987, p. XL).

Assim, o habitus se configura como estrutura que fornece as regras práticas para o indivíduo agir, sendo esta ação reprodutora das estruturas sociais. Ele responde também pela memória e mudança sociais (Domingues, 2001). Este conceito corresponde então, à forma básica de comportamento comum, uma vez que Bourdieu se debruça sobre o inconsciente social e não sobre a ação individual. Ele suprime a filosofia do sujeito sem negar a ação social individual, calcada no inconsciente social, o que leva a compreender um pouco a perfeita performance da criança durante a realização da festa.

Sete anos

Os pais/responsáveis, quando questionados a respeito do porque da realização da penitência até os sete anos de idade dos filhos, respondiam que essa era a tradição das promessas, que sete anos era o fechamento do ciclo. Algumas mães chegaram até a me dizer que foram orientadas pelo padre a tornar a penitência vigente por sete anos. Sabe-se que a Bíblia está cheia de referências ao período de tempo de sete anos e a psicologia compreende a chegada dos sete anos como um tempo de questionamentos. Biblicamente falando, até essa idade, a criança é pura, ainda incontaminada com as impurezas do mundo. Ou seja, inconscientemente, os pais estão reproduzindo os pensamentos tradicionais cristão-católicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como ponto de partida as teorias de Victor Turner e Marcel Mauss, compreender a penitência infantil não é uma tarefa das mais fáceis à primeira vista. Adaptar, flexibilizar, compreender e esperar foram imperativos durante a realização da pesquisa que além de se mostrar complexa, exigiu de mim certo jogo de cintura para conseguir os contatos durante e após a festa, conquistar a confiança da criança e seu acompanhante de forma rápida e olhar minuciosamente atento a tudo que acontecia em toda a festa. O campo conseguiu se estender para além da presença em apenas, mostrando-se uma experiência intensa cada vez que precisava revisitar os dados para construir esse texto. Ir à festa por dois anos foi muito importante para que eu compreendesse o meu amadurecimento como pesquisadora no contexto de festa popular religiosa, pois, durante a segunda vez, foi muito mais simples conseguir me integrar à festa e já sabia que abordagem seria mais eficiente com as duplas da penitência. Reconheço que há ainda muito a ser explorado dentro de meus próprios dados e do contexto da penitência infantil na festa do Morro, mas pela natureza desse trabalho, foi necessário recortar os casos e os dados para que coubessem numa dissertação de mestrado. Ciente de que este trabalho abrirá portas para um estudo mais aprofundado desse fenômeno nas festas populares não só no Recife, mas no Brasil e no mundo, sugiro os recortes de classe social, gênero, raça e faixa etária num estudo que possa ser realizado com mais tempo e mais pesquisadoras. Os limites dessa pesquisa foram desenhados de muitas formas, inclusive, pelos únicos dias de realização do campo além das entrevistas²⁸ e pela dificuldade em encontrar crianças que se encaixassem nos padrões preestabelecidos pela pesquisa no momento da qualificação deste trabalho. Ainda assim, acredito ter trazido contribuições significativas ao ramo da antropologia da religião e à antropologia da criança.

Agora, gostaria de destacar alguns pontos derivados do exposto nessa dissertação. Compreender a penitência infantil é uma forma de constatar a ainda forte e massiva presença do catolicismo na sociedade brasileira, especialmente a

²⁸ Interessei-me muito mais o momento da festa do que a compreensão além dele, pois, no momento da promessa e do contexto da festa, tanto a criança como o responsável estavam experienciando a penitência de forma corporificada, simbólica e pública.

nordestina e a relação íntima de seus fieis com os ícones da cosmologia católica. A confiança na figura de Nossa Senhora da Conceição e a paixão na devoção encantam até os mais desavisados. A Festa é a expressão máxima do ser católico nos moldes mais tradicionais esperados pelos fieis.

As crianças são figuras importantes na constituição da festa e as penitentes ganham posição de destaque. É quase impossível não pensar na relação criança x objeto, uma vez que elas têm autorização de passar para dentro do gradeado onde está a imagem da Santa. Além delas, apenas os voluntários, objetos entregues pelos fieis e pessoas ligadas diretamente à Paróquia do Morro da Conceição têm esse privilégio. A diferença é que as crianças passam para o outro lado na condição de serem consagradas e cumprirem o ciclo de suas promessas. Com um penitente “comum”, ou seja, um adulto, a conclusão de sua promessa é restrita à área externa da santa. São concessões feitas às crianças, pura e simplesmente porque são crianças.

Ter uma criança penitente na família é motivo de orgulho. Observei que muitas famílias iam inteiras para a Festa do Morro, à espera da conclusão da penitência de um dos filhos para então celebrar o sucesso juntos. Com suas famílias inteiras ou apenas um acompanhante-chave, a criança era sempre orientada pelo acompanhante e desempenhava o papel de acordo com as orientações. As possibilidades de agência da criança eram negociadas de acordo com a sua performance da penitência, podendo ser negociada antes ou durante a Festa. Para algumas crianças, a negociação acontecia em forma de recompensa pelo bom comportamento e a criança ganhava presentes ou o direito de fazer algo que normalmente não faz na sua rotina, como os casos de Alexandre e Vitória.

Há também a dimensão da ressignificação. Apesar de ter encontrado um único menino de cabelo grande nos dois anos de Festa, não pude entrevistá-lo, pois, sua família não esteve muito aberta a conversar comigo e durante as rápidas perguntas que fiz na festa descobri que ele já tinha acabado a promessa e mesmo assim, após três anos de cabelos cortados, quis deixar o cabelo crescer novamente, o que significa que ter cabelo grande, naquele momento, significava parte de sua personalidade. O que foi exigido da penitência, ressignificou-se como característica, como foi o caso de Carolina.

Contudo, aceitar a penitência não implica a existência de um processo passivo, pois, as crianças tem agência dentro da condição de penitentes e compreendem essa condição à luz de seus aparatos culturais. Ou seja, a festa ganha uma nova significação: não é um momento de sofrimento, e apesar de sério, é um momento de socialização, onde é possível observar e ser observado. Acredito ser possível dizer que as crianças compreendem sim o que é ser um penitente, mas cada uma de uma forma específica dentro de seus contextos. Dizer que elas não compreendem é imprimir uma visão do adulto na sua concepção de mundo e, ainda que a dimensão de relação com o sagrado não seja entendida da forma que o adulto espera, a penitência é vista como um momento de agradar a sua família e receber algo em troca. No caso das crianças mais velhas, já é possível observar o sentimento de gratidão pela figura de Nossa Senhora e também do responsável pela promessa, como é o caso de Arthur. Em comparação com os trabalhos de Pires (2011) e Cisneiros (2009), quando observamos que a compreensão da diversidade religiosa se dá através do prisma da religião protestante. Neste caso, a compreensão da penitência se dá através do olhar do adulto que fez a promessa, pois este é uma espécie de guardião da promessa – é ele quem vai garantir que a penitência seja feita da forma que ele mesmo prometeu e vai garantir também que a compreensão da penitência por parte da criança seja de acordo com suas próprias crenças, o que não exclui os julgamentos de valor que a criança faz sobre isso: cansativa, roupa feia, entre outros.

O local da penitência na vida da criança mostrou ser bastante pontual. Naquele dia e naquele horário a criança se veste de sofrimento e realiza a promessa com seu acompanhante. No entanto, em outros momentos de sua vida a penitência tem papel secundário na rotina, não sendo parte de assuntos no dia-a-dia da criança com seus pares e tampouco sendo ela marcada como uma criança prometida, mesmo quando a penitência é algo que não se pode esconder, a exemplo dos cabelos de Carolina. A vontade de agradar e corresponder a expectativas leva crianças a agirem como Marcelo, que não questionava e nem negociava as possibilidades de ação que tinha.

Assim, pode-se concluir que o fenômeno da penitência infantil é experienciado por cada criança de modo particular porque seu entendimento é particular. Ainda assim, é possível inferir que as crianças penitentes possuem uma agência ativa perante seus ambientes familiares, ora negociando, ora ressignificando a penitência, e levando a atividade sem o peso que o responsável pela penitência sentiu ao prometer as atitudes do pequeno penitente. Dizer que as crianças atribuem leveza à condição de penitente, não significa dizer que elas não compreendem a devida importância do ato, uma vez que a dinâmica do pagamento de promessas faz parte da dinâmica familiar de socialização e religiosidade.

Por fim, termino este trabalho com o desejo que este seja um instrumento de crescimento da pesquisa com crianças dentro da antropologia, pois, sua ampla gama de ferramentas de pesquisa permite a realização de uma investigação profunda, onde muitas vezes o que é encontrado ultrapassa os limites da pesquisa, revelando o encantamento do fazer antropológico através do trabalho de campo.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Maristela O. (2002). *500 anos de catolicismos & sincretismos no Brasil*. João Pessoa: Editora UFPB.
- BERGER, Peter. (1973). *The Social Reality of Religion*. London, Penguin Books.
- BOURDIEU, Pierre. (1997). "Compreender". A miséria do mundo. Petrópolis, RJ:Vozes, p.693-713.
- CAMPOS, R. B. C. (2000). Quando a Tristeza é Bela: Refletindo Sobre o Lugar da Emoção na vida social dos 'Ave de Jesus'. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 11, n.11, p. 139-148.
- _____. (2001). *When Sadness is Beautiful: the Place of Rationality and Emotions Within the Social Life of the Ave de Jesus*. Tese de doutorado em Antropologia Social. University Of Saint Andrews, St. Andrews, Escócia.
- _____. (2002). Imagens de Sofrimento e Caridade no Juazeiro do Norte: uma Visão Antropológica das Emoções na Construção da Sociabilidade. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa-PB, v. 1, n.1, p. 18-38.
- _____. (2006). Penitência como Cultura: penitência, "herança cultural" e modo de vida no Juazeiro do Norte. *Interseções* (UERJ), v. 2, p. 111-126.
- _____. (2007). Para além do Milagre do Juazeiro: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus-Juazeiro do Norte. *Estudos de Sociologia* (Recife), v. 13, p. 165-174.
- _____. (2008a). Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, Ethos de Misericórdia e Identidade do Lugar. In: *Religião & Sociedade* (Impresso), v. 28, p. 146-176.
- _____. (2008b). Sobre a Docilidade do Catolicismo: uma revisão bibliográfica sobre sincretismo e anti-sincretismo. BIB. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 65, p. 89-104.
- _____. (2009). Contação de "causos" e negociação da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte-CE. *Etnográfica*. Lisboa, v. 13, p. 31-48.
- _____. (2009). Interpretações do Catolicismo: do sincretismo na/da Cultura Brasileira.. In: TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata. (Orgs.). *Catolicismo e Cultura Brasileira*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2011). Um estranho no ninho: uma experiência protestante em escola laica no Recife. In: BURITY, Joanildo; ANDRADE, Péricles. (Orgs.). *Religião e Cidadania*. 1ed. Recife: São Cristóvão, v.1, p.157-176.
- CAMPOS, R. B. C. ; PAIVA JUNIOR, G. S. ; SILVA, J. C. L. E. ; MEDEIROS, S. G. ; CISNEIROS, Paula N. (2010) . Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa. *Teoria & Sociedade* (UFMG), v. 17, p. 148-175.

- CAMPOS, R. B. C.; FALCÃO, Christiane R.. (2011). Entre o Olhar e a Voz: reflexões sobre a representação da criança na Antropologia das Religiões Afro-brasileiras. In: BRANDÃO, Sylvana; MARQUES, Luiz Carlos; CABRAL, Newton. (Orgs.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Bagaço - Editora Universitária UFPE, 2011, v.5.
- CAMPOS, R. B. C.; REESINK, M.L. (2011). Mudando de eixo e invertendo o mapa: para uma antropologia da religião plural. In: *Religião & Sociedade* (Impresso), v. 31, p. 209-227.
- CLIFFORD, James. (2007). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- CORSARO, William. (2005). *The Sociology Of Childhood*. Thousand Oaks, London, New Dehli: Pine Forge Press.
- DOUGLAS, Mary. (1921). *Pureza e Perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectiva, n.120. 2ª ed, 2012.
- DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil. (2010). *Antropologia da Performance: Liminaridade e as contradições do social*. Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas. (8 : 2010 : Londrina,PR .) Anais do VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas SEPECH / organizado por Raquel Kritsch e Mirian Donat. – Londrina : Eduel.
- ELIAS, Norbert. (1993). *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2001). *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FALCÃO, Christiane R. (2010). *"Ele já nasceu feito" - O lugar da criança no Candomblé*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- _____. (2011). *A Idade do Santo: Crianças e Autoridade no Candomblé*. Mimeo.
- GOBBI, Márcia. (1997). *Lápis Vermelho é Coisa de Mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*. Campinas, SP. Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- HERVIEU-LÉGER, Danielle. (1993). *La Religion pour Mémoire*. Paris. Les editions du CERF.
- KOURY, Mauro. (2005). A antropologia das emoções no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.4, n.12, p.239-252.
- LUTZ, Catherine A. (1988). *Unnatural Emotions: Everyday sentiments on a Micronesian Atoll & their challenge to Western theory*. Chicago e Londres: The University Of Chicago Press.
- LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey. (1986). "The Anthropology of Emotions". *Annual Review of Anthropology*. v.15, pp. 405-436.
- LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. (1990). *Language and The Politics of Emotion*. Cambridge University Press, New York, 2a ed: 2008.

- MALINOWSKI, Bronislaw. (1922). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril (Coleção Os Pensadores), 1978.
- MARCHI, Rita de Cássia. (2011). “Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas”. *Cadernos Pagu*. v.37, jul-dez: 387-406.
- MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores. (1998). Mudanças recentes no campo religioso brasileiro. *Antropolítica*, v.5: 21-43.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. (2013). “A Mãe e o Filho como peregrinos: dois modelos de peregrinação católica no Brasil”. *Religião & Sociedade*., Rio de Janeiro , v. 33, n. 2.
- MAUSS, Marcel. (1974). “Ensaio sobre a dádiva”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, p.37-184.
- _____. (1979). “A expressão obrigatória dos sentimentos”. In: OLIVEIRA, R. (org). *Mauss: Antropologia*. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática.
- MOURA, Jamerson Kemps Gusmão. (2008). *Nossa Senhora e o morro da Conceição: história, igreja e comunidade católica em encontros e desencontros*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Mimeo.
- ORTNER, Sherry B. (1979). Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura? In: ROSALDO, Michelle e LAMPHIERE, Louise (orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- OVERING, Joanna. (1985). *Reason and Morality*. Londres e Nova Iorque: Tavistock Publications.
- PIRES, Flávia. (2010), “Tornando-se adulto: Uma abordagem antropológica sobre crianças e religião” in *Religião e Sociedade*, 30(1): 143-164, Rio de Janeiro.
- _____. (2011), *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no semiárido nordestino*. Rio de Janeiro/João Pessoa, Ed. E-papers.
- PEIRANO, Mariza. (2002). “Rituais e eventos”. In: *O Dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 17-40.
- REDDY, William. (1997). "Against Constructionism. The Historical Ethnography of Emotions". *Current Anthropology*, v.38, n.3, pp.27-351.
- REZENDE, Claudia B., COELHO, Maria Claudia. (2010). *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro, Ed. FGV.
- ROSALDO, Michelle Z. (1984) “Toward an anthropology of self and feeling.” In: *Culture Theory: essays on mind, self, and emotion*. R. A. Shweder and R. A. Levine, editors. pp. 137–157. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- SANCHIS, Pierre. (2001). “Religiões, Religião. Alguns problemas de sincretismo no campo religioso brasileiro”. In: SANCHIS, P. (Org.). *Fiéis e Cidadãos*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- _____. (2003). A religião dos brasileiros. In: *Teoria & Sociedade* (UFMG). Número especial, p.16-51.

- SEGATO, Rita L. (1997). Formações e Diversidade: Nação e Opções Religiosas no Contexto da Globalização. In: ORO & STEIL (Orgs.). *Globalização e Religião*. Petrópolis, Vozes.
- SMITH, Adam. (1999). *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHWADE, Elisete. (1992). Poder do sujeito, poder do objeto. In: *Trabalho de Campo & Subjetividade*. PPGA-UFSC.
- TURNER, Victor. (1974). O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2005). "Betwixt and between: o período liminar nos „ritos de passagem". In: Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF.
- _____. (2008). Dramas, Campos e Metáforas. Niterói: Eduff.
- VAN GENNEP, Arnold. (1978). Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. (1988). *História das Lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WOOD, Linda. (1986). Loneliness. In: HARRÉ, R. (Org.) *The social construction of emotions*. Oxford: Basil Blackwell, p.184-208.

ANEXO 1 – Roteiro de Entrevista – Criança

ROTEIRO DE ENTREVISTA

CRIANÇA

- Nome, idade
- Você acredita em Deus? Como é Deus pra você?
- Você tem religião?
- Qual a sua religião?
- Você vai à igreja?
- Se sim, qual?
- Quais as religiões/igrejas (dependendo da resposta) que você conhece?
- Você acredita em Nossa Senhora / Maria?
- Como ela é pra você?
- O que é rezar? Você reza?
- Onde você estuda?
- Você conversa com seus amigos sobre Nossa Senhora ou sobre RELIGIÃO DA CRIANÇA?
- Você já foi ao Morro da Conceição?
- Quando? Quantas vezes?
- O que você vai fazer lá?
- Você gosta?
- Como é quando você vai pra lá?
- O que você mais gosta de ir pra lá?
- Você conta para os seus amiguinhos quando você vai?
- Como é a promessa que você paga?
- Quem fez?
- Como é essa promessa?
- Por que você tem que ir?
- O que você acha disso?
- Alguma vez você não quis ir? Se sim, como foi essa vez? Você foi?
- Se você não quisesse ir, PESSOA QUE FEZ A PROMESSA iria se chatear?
- Por que?

ANEXO 2 – Roteiro de Entrevista – Pais/Responsáveis

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PAIS/RESPONSÁVEIS

- Dados

Nome, idade, profissão.

- Parentesco com a criança
- Você tem religião?
- Se sim, qual a sua religião?
- Como você ingressou nessa religião? (Contar a história)
- Quantas vezes você foi à festa do Morro da Conceição?
- Você é devoto de Nossa Senhora da Conceição?
- Quando começou a sua relação com a Santa?
- Qual o local da Santa na sua vida?
- E na da sua família?
- Você já fez alguma promessa?
- Se sim, qual (is)?
- Por quê?
- A promessa de CRIANÇA foi feita por quem?
 - SE TIVER SIDO FEITA PELOS PAIS/OUTRA PESSOA DA FAMÍLIA:
 - Por quê você fez essa promessa para CRIANÇA?
 - Quando foi a promessa?
 - Como você decidiu a penitência? De que constitui a penitência?
 - Como CRIANÇA reagiu quando você disse que CRIANÇA teria que ir com você pagar a promessa?
 - Já teve alguma vez que você não pôde pagar a promessa?
 - O que você fez?
 - Como CRIANÇA reage quando chega o momento de ir à festa?
 - Quando vocês acabam de pagar a promessa, o que vocês fazem? (Perguntar sobre bola, comida, brinquedos).
 - Alguma vez CRIANÇA não quis ir pagar a promessa junto com você?
 - O que você fez?
 - SE TIVER SIDO FEITA PELA CRIANÇA:
 - Por que CRIANÇA resolveu fazer essa promessa?
 - Qual foi a sua reação quando ela contou?
 - O que você sente a respeito disso?
- Pedir para mostrar fotos, vídeos, roupa da penitência, etc.
- Pedir para contar alguma história engraçada/triste/emocionante sobre o pagamento das promessas

ANEXO 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Paula Neves Cisneiros**, aluna regularmente matriculada no curso de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, responsável pela pesquisa “Pequenos Penitentes”, que originará a minha dissertação de mestrado, estou fazendo um convite a você para participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende compreender como é a experiência das crianças com a penitência / as promessas durante a Festa do Morro de Nossa Senhora da Conceição e é de extrema importância para a área da Antropologia, que não possui muitos estudos sobre e com crianças, especialmente sobre o tema. Sua participação constará de fornecer entrevistas sobre o tema em questão e autorizar _____, seu/sua _____ a ser entrevistado/a por mim.

Durante todo o período da pesquisa você tem direito de tirar dúvidas ou pedir outro esclarecimento sobre sua participação ou a pesquisa em si. Basta entrar em contato comigo pelos telefones (81) 8798-3828 e (81) 3077-3871.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. (O mesmo vale para caso você queira revogar a participação do/da seu/sua filho/a).

USO DE IMAGEM

Mediante sua autorização, esta pesquisa utilizará fotografias, tiradas durante as entrevistas, dos pais/responsáveis e das crianças, dos objetos utilizados para a realização da penitência no Morro da Conceição e de fotografias antigas cedidas pelos pais/responsáveis para uma melhor ilustração do fenômeno do pagamento de promessas com/por crianças. A pesquisa ainda utilizará tarjas nos olhos do fotografado para a não identificação da pessoa.

CONFIDENCIALIDADE

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação e do seu filho/a.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo e autorizo meu/minha _____, _____ a participar do mesmo.

Assinatura do voluntário ou de seu representante legal

Assinatura da pesquisadora

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, _____, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de

espontânea vontade em participar deste estudo e autorizo meu/minha _____, _____ a participar do mesmo. Autorizo também o uso de minhas imagens e de meu/minha filho/a, conforme expresso no tópico “USO DE IMAGEM” deste termo.

Assinatura do voluntário ou de seu representante legal

Assinatura da pesquisadora

DADOS DA PESQUISADORA:

PAULA NEVES CISNEIROS

Endereço: Rua Marquês do Paraná, 271 - Espinheiro. Recife-PE. CEP: 52021-050

Telefones: (81) 8798-3828 / 3077-3871

E-mail: paulanc@gmail.com